

MILAGRES AO
PEQUENO-ALMOÇO

por

RUTH MINSHULL

Índice

Capítulo 1	
PATERNIDADE. COMO ESCAPAR À RUÍNA TOTAL	3
Capítulo 2	
SER OU NÃO SER PERMISSIVO?	6
Capítulo 3	
“ELE BATEU-ME PRIMEIRO!”	13
Capítulo 4	
COMUNICAÇÃO CIVILIZADA	17
Capítulo 5	
O QUE COMUNICAR	21
Capítulo 6	
ELE É UM PROBLEMA OU UM SOLVENTE DO PROBLEMA?	23
Capítulo 7	
FALAR CONSIGO É SEGURO PARA O SEU FILHO?	27
Capítulo 8	
PAUS E PEDRAS	35
Capítulo 9	
O QUE É A SEGURANÇA?	38
Capítulo 10	
BRIGAS, AJUSTES, E LÁGRIMAS	42
Capítulo 11	
RESPONSABILIDADE E JULGAMENTO	48
Capítulo 12	
DÊ AO SEU FILHO O FUTURO DELE	51
Capítulo 13	
A PESSOA SUPRESSIVA	54
Capítulo 14	
O CORPO	58
Capítulo 15	
“É MEU!”	61
Capítulo 16	
TELEVISÃO, OS MEUS PRECONCEITOS	65
Capítulo 17	
ALGO PODE SER FEITO PELO QI	67
Capítulo 18	
DETALHES	70
Capítulo 19	
A ÚLTIMA PALAVRA	73
GLOSSÁRIO	74

Capítulo 1

PATERNIDADE. COMO ESCAPAR À RUÍNA TOTAL

Não é fácil de deixar de ser pai uma vez que iniciámos a coisa toda. Não podemos muito bem deixar de fora o trabalho ou devolver a certidão de nascimento e dizer: “perdão, nós não somos compatíveis”. E a sociedade desaprova a maior parte dos outros meios á disposição que podem ser provocados por momentos de tensão.

Logo, se vamos fazer qualquer coisa para aliviar as frustrações da criação de crianças, permanece só uma solução respeitável (o caminho da maior resistência): aprendendo a compreender e manejar os pequenos queridinhos e e/ou monstros.

Isto pode parecer impossível. Mas se você ainda pode ter esperança, pode haver uma oportunidade.

Eu sei isto porque eu própria era uma Mãe terrível. Frustrada e saturada, convenceram-me que enquanto eu tropeçava, as crianças estavam a preparar-se para me dominar, a sociedade, e indubitavelmente o planeta.

Eu não sou uma Autoridade em Crianças. Eu era uma delas.

Mas isso era antes de eu ter os meus próprios filhos.

Depois de me tornar Mãe soube que precisava de ajuda. Tentei muitas coisas. Li livros de psicologia infantil, avidamente à procura de uma chave para o mistério: como é que eu podia manter a minha sanidade e ainda ser mãe? Não a encontrei. O conselho que eu lia *soava* sempre bem. Apenas não era executável. Sabendo que devia “compreender as necessidades da criança” não resolvia as coisas quando o meu filho ameaçava assassinar o parceiro dele numa briga por causa de algum brinquedo. Às vezes eu tinha que me lembrar, bastante severamente, que “a maternidade é uma experiência jubilosa e plena”, enquanto raspava o cereal seco das paredes, ou lavava angustiada uma fralda.

Os livros diziam que eu deveria ter “amor e tolerância”. Sim. Isso soava certo. Entretanto, atrás, ao nível fracturante, as exigências do dia-a-dia estavam a despojar lentamente aquele verniz de amor e tolerância e a expor a besta que há em mim.

Quando o meu marido e eu estávamos à espera do nosso segundo filho, concluí que ainda sabia muito pouco de manejar crianças, embora esta fosse a minha ocupação principal de alguns anos.

Comecei a pensar na Cientologia. Aqui, eu soube que era um grupo internacional que fazia uma extensa pesquisa do comportamento humano. Li os primeiros livros de Cientologia (por L. Ron Hubbard) em 1951 e 1952, mas perdi o contacto com o progresso desta pesquisa. Pesquisando através da lista telefónica local, encontrei um Centro de Cientologia localizado num subúrbio a noroeste de Detroit.

Em breve fui matriculada numa classe de principiantes. Desfrutei daquele grupo, do estudo e das pessoas que encontrei. Todos eram indivíduos capazes de olhar para além da rotina diária a fim de buscar uma vida mais rica.

O meu principal interesse era contudo aprender a aplicar a Cientologia à criação de filhos.

Provavelmente nenhum homem ou mulher alguma vez olhou o primeiro filho sem sentir uma onda de amor por aquela criança desvalida agora confiada ao seu cuidado. E com aquele amor uma onda de responsabilidade terrível e um voto de fazer a coisa certa, fosse o que fosse.

A intenção de fazer a coisa certa para com a nossa descendência está lá sempre. Porque é que então acabamos frequentemente confusos? Porque é que deverá haver um estrondo contínuo de desejos entre pais e filhos, pessoas que se amam tanto umas às outras?

Como estudei na Cientologia, percebi que só duas coisas perturbam os pais comuns:

1. *Nós não temos conhecimento bastante.* Estou a ser muito dura ou muito indulgente? Como é que o posso impedir de se magoar. Porque é que ele não confia em mim? Como é que eu o posso ajudar nos trabalhos da escola?
2. *Nós temos atitudes emocionais que não podemos controlar.* Porque é que eu fico furiosa com ele porque ele faz barulho? Porque é que eu me preocupo tanto com ele? Porque é que eu o castigo e depois choro de frustração?

Antes da Cientologia deixava as Grandes Perguntas para os filósofos criticarem, enquanto eu contemplava a laranjada no tapete de sala de estar e meditava na relação entre a infinidade e os pagamentos da hipoteca.

Em matéria de emoções indesejáveis, eu tinha-as experimentado todas: fúria, desânimo, temor, crítica, incerteza e desgosto.

A Cientologia ajudou-me em ambas estas fraquezas. A leitura e as aulas aumentaram o meu conhecimento sobre as pessoas e a vida. O processamento pessoal ajudou a livrar-me das minhas emoções descontroladas.

Já não experimento períodos de depressão ou futilidade, mas acho cada dia fresco e excitante. Sinto-me mais jovem e mais enérgica do que há vinte anos atrás. Os meus melhores amigos dizem que não pareço ter quarenta e um anos (é claro, é por isso que são os meus melhores amigos).

O Meu Q I. é mais alto e eu aprendo depressa. Faço mais trabalho agora num dia do que poderia realizar num semana antes de me tornar Cientóloga.

Este livro é a minha história de sucesso. Relaciona alguns dos princípios que aprendi em Cientologia, e como eu os usei para criar os meus filhos.

Hoje eu sou uma Cientóloga profissional e uma Mãe calma, suave. Os meus dois rapazes são um par de “borrachos”. Paul, agora com catorze anos, é alto (quase 1,75m), e confiante. Gosta de futebol, meninas, basebol, hóquei, meninas, natação, música, e meninas. Lee, que tem oito, é um duende loiro de luminosos olhos azuis. Às vezes vai atrás das meninas, mas prefere escalar árvores, pintura, pesca, apanhar rãs, construir estranhos fortes de árvores, e arrelhar o irmão com as meninas.

Em fácil harmonia, trocamos histórias, discutimos problemas e planeamos juntos as nossas metas. Rimos muito com gosto, como quando recentemente o Lee informou, gravemente, que a professora dele ia bastante bem. Ela só tinha chorado duas ou três vezes este ano.

Às vezes partilhamos casualmente um milagre ao pequeno-almoço, como curar alguma “doença séria” entre o sumo de laranja e a tosta.

Os rapazes não são as crianças perfeitas-de-livro-de-histórias, (nem eu sou esse tipo de Mãe). Eles ainda resistem a cortar o cabelo, esvaziar cestos de desperdício, e comer brócolos. Às vezes ainda tento curar estas obstinações.

Mas, todas as coisas consideradas, eu gosto de ser a Mãe deles. Eles são dois dos meus melhores amigos. Contam-me as suas piadas e segredos, e deixaram-me ler as cartas de amor das namoradas.

Estão mesmo dispostos a admitir (em público!) que eu sou a Mãe deles.

Logo, já pode ver. Fizemos muito progressos.

Capítulo 2 SER OU NÃO SER PERMISSIVO?

A doçura e Amor de uma criança só são preservados desde que ela possa exercer a sua própria autodeterminação. Você interrompe-lha, e, em certa medida, você interrompe a vida dela.

(L. Ron Hubbard, *CIENTOLOGIA: Uma Nova visão da Vida*)

Eu sou frequentemente interrogada: “a Cientologia acredita na permissividade total?” A maior parte dos pais sabe, por instinto e amor, que uma criança não deve ser sovada. Também sabem que não deverão ficar completamente selvagens e descontrolados. Onde é que você traça a linha?

Eu sei bem este dilema. Uma vez balancei erráticamente entre permissividade completa e repressão total. O resultado foi que às vezes eu os deixei subjugar-me, e outras fui eu que os subjuguiei. Ambos os métodos foram ineficazes.

Você (apesar de pai) tem direito a alguns momentos de paz, assim como os seus filhos.

Eu encontrei a resposta que funcionou. Ron expressa a ideia lindamente numa das políticas dele para as organizações de Cientologia:

Nós premiamos a produção e estatísticas altas, e penalizamos a não produção e estatísticas baixas. (L. Ron Hubbard, Ability, Emissão 1 35: “Recompensas e Penalidades”)

A cada tarefa da Organização de Cientologia é atribuído um nível de produção. É a estatística, é a quantidade esperada que uma pessoa produza (25 cartas enviadas por dia ou 35 pessoas entrevistadas). Quando uma pessoa melhora isto tem “estatísticas altas”.

Esta política fortaleceu uma das minhas fraquezas no manejo das crianças. Embora não houvesse nenhuma verdadeira estatística (ou números de produção) com que medir o progresso da nossa família, havia certos propósitos mútuos como grupo. As acções e comportamento da pessoa contribuiriam para ou diminuiriam estes propósitos.

Ron Hubbard descobriu que todos os sentimentos e acções descontrolados vinham de uma parte da mente a que ele chamou “Mente Reactiva”.

Eis a fonte da ruína do homem.

É a mente reactiva a funcionar quando damos pontapés na perna da cadeira em que embatemos, ou quando batemos no bebé porque ele chora. Todos nós sabemos que nem a cadeira nem o bebé vão mudar por causa de tal tratamento. Contudo, a mente reactiva não é tão racional.

Nós também temos uma “Mente Analítica” que toma as decisões certas e nos ajuda a sobreviver melhor.

Ron Hubbard acreditava que o homem é basicamente bom, e se o homem pudesse apagar a sua mente reactiva, a sua bondade básica seria restabelecida. Este apagamento é alcançado através de Processos de Cientologia (também chamados “Audição”).

Toda a Mãe e Pai pode beneficiar reconhecendo o comportamento reactivo quando ocorre.

Quando alguém está a ser analítico, ele está a ajudar o grupo ou família. Quando está a ser reactivo, ele reduz a velocidade ou interrompe a produção do grupo.

Se Mercybell está a gritar por atenção quando o Papai está a tentar escrever um relatório empresarial, ela está a diminuir a sobrevivência familiar; ela é uma estatística baixa. Quando Billy concorda alegremente em correr para a loja para ir buscar leite, ele está a ajudar a sobrevivência familiar.

Olhando isto, emergiu uma política muito simples: tenho que recompensar o comportamento analítico e tenho que penalizar (ou pôr sob controlo) o comportamento reactivo.

Antes de tal política poder ser eficaz, é necessário reconhecer o que o homem realmente É. Há três partes no homem. Além da mente e do corpo, há o próprio ser. Nós chamamos ao ser um “thetan”. Isto é do símbolo grego Theta e significa “pensamento” (é pronunciado thatton). É o espírito ou alma.

Em Cientologia não dizemos que uma pessoa tem um espírito ou thetan. Nós consideramos que ele É um thetan e que tem uma mente e um corpo. O Homem não é um pedaço de carne (um corpo) e não é uma mente. Ele é um ser espiritual, e é sénior da mente e do corpo.

Quando o thetan está em controlo, ele opera analiticamente. Quando a mente reactiva (nós às vezes chamamos a esta o “banco”) é ligada, o thetan fica temporariamente saturado. Ele não está a ser responsável pelo seu comportamento, nem pode explicá-lo. Já não está a guiar o “carro”. Está sentado no assento de trás a pensar onde será apanhado a seguir.

Isto é onde você tem que entrar e meter travões.

Lembre-se que uma criança é um thetan que está a começar num corpo pequeno. Tudo é um pouco estranho e novo, mas ela é uma aventureira. Ela está ansiosa por explorar o mundo ao seu redor. Deseja criar e experimentar coisas. Gosta de rir e de fazer rir. Precisa de um pouco de ajuda e ela querará ajudar. Ela procura aprender e sentir cheiro, e gosto e amor.

Uma criança, ou bebé, deverá ser colocada num área segura onde não cause danos à medida que explora e aprende. Nós deveremos dar-lhe a liberdade para se mover ali à volta e manusear coisas. É muito importante não tentar parar o seu gosto natural pela experiência e independência. Quanto mais louvarmos e ajudarmos estes desejos, mais a criança continuará a ampliar as suas capacidades.

Por outro lado, se as acções dela são reactivas, se elas são anti-sobrevivência para ela ou para outros, introduza controlo de algum tipo.

Eu não defendo o castigo físico. Embora sejamos às vezes tentados, nunca funciona. Isso explodirá nas nossas mãos na forma de actos destrutivos astutos. Depois de uma surra, Skeezer quebrará acidentalmente os óculos do Pai ou sentar-se-á no chapéu novo da Mãe.

Embora você não possa apagar o banco reactivo de uma criança com qualquer remédio caseiro, há várias maneiras de o ajudar a pôr isso sob um melhor controlo. Nas nossas organizações de Cientologia não permitimos excessivamente o comportamento “bancoso”. Nós aprendemos que,

a menos que uma pessoa seja capaz de se conduzir de uma maneira razoavelmente sã, o nosso treino e audição não serão eficazes.

Da mesma maneira, para sua própria paz de espírito e porque é necessário, você tem que ver que a criança volta ao volante do carro antes que você lhe possa dar a orientação necessária para o acelerar alegremente na sua viagem para maioridade.

Existem passos tanto preventivos como medicinais, que podem ser seguidos. Se o seu filho é muito jovem, você poderá permitir-lhe crescer relativamente sem repressão. Isto é o ideal. Não haverá tanto banco remexido que lhes dê problemas aos dois.

Se o seu filho é mais velho, o trabalho pode ser mais difícil. Se ele expressa agora a sua “liberdade” lançando a porcelana chinesa pela sala fora, ou mordendo o tornozelo do ministro visitante, o thetan não está a ser livre de verdade. Está totalmente apanhado pelo banco reactivo, e o banco está a dirigir o espectáculo. Neste caso, você tem que dar passos médicos antes de poder fazer qualquer outra coisa.

Este é o único critério de disciplina: você está a ser permissivo para com o thetan, ou para com o banco?

Depois de estudar e usar a tecnologia da mente de Ron Hubbard, eu estabeleci duas regras que, se seguidas, solucionariam uma extensa percentagem das dificuldades familiares.

Regra um: NÃO TENHA CONTROLO UM THETAN.

Você o perderá, porque ele nunca realmente desistirá de tentar fazer o que quer. Se, contudo, você o continuar a parar, ele degenerará, nas suas tentativas para exercer a sua liberdade de escolha.

Regra dois: CONTROLE O BANCO REACTIVO.

Só manejando o banco e ensinando a própria criança a manejá-lo é que nós podemos pôr o thetan a mandar outra vez. Esse é o caminho para a verdadeira liberdade.

Toda a disciplina deverá ser dirigida para o propósito último de ajudar a criança a aprender a praticar a autodisciplina. Isto é o que distingue o homem civilizado da besta.

De vez em quando será forçado a dar uma olhada em você próprio. Você e o pequeno Billingsly estão num batalha gritante. Ambos estão convencidos que têm razão. Quando há uma grande perturbação sonora na casa, você pode apostar uma sanduíche de manteiga de amendoim que há *algum* banco reactivo em operação. Mas, de quem é? Antes que diga: “fora daqui!” à descendência, certifique-se que não é seu próprio banco a grunhir.

A maior parte das crianças gosta de criar muito ruído e movimento. Os pais preferem geralmente de bastante menos de cada. Este desejo de parar é contudo frequentemente uma manifestação reactiva. Isto significa que você tenha que viver no meio de um clamoroso pandemónio? Não. Mas tente diferenciar o dono do banco em operação. Então trabalhe para manejar esse banco.

Paul que ama a música está como muitos adolescentes. Ele tem a ideia que o volume do seu rádio ou leitor deve ser posto cinco vezes mais alto que o nível de tolerância do tímpano do

adulto. Uma vez isto foi quase intolerável para mim. Estava convencida que ele tinha que fazer isto para irritar os outros. Depois aprendi que o problema era meu, e não dele. Quando nestas ocasiões olhava para o quarto dele, encontrava-o totalmente embrulhado na sua música, e às vezes dançava ou tocava os tambores. Ele era uma estrela tamborileira, sentado no meio da sua banda e tocando para uma audiência extasiada. Ele estava só a sentir o ritmo e a maravilhosa vivacidade do seu jovem corpo.

E depois, o que é que está errado com isso?

Eu vi que me opunha principalmente porque me pareceu que “deveria”, não porque na verdade prestasse assim tanta atenção à música. Era um ruído alegre. Logo, larguei a parte da mãe chata. Agora, quando as fundações da casa estremecem com a aparelhagem a fundo e os tambores a rolaem, eu própria meneio às vezes um pouco os quadris junto à pia da cozinha.

Por outro lado, se uma criança anda ruidosamente dentro e fora e isto interfere com uma conversa ou um trabalho, deverá ser-lhe dito para brincar noutro lugar. Não o recompense por fazer uma balbúrdia.

Eu vi muitos pais errar nisto. Eles dão a uma criança um biscoito ou prometem algum presente para se livrarem dele. Isto diz à criança: “sou recompensado se der bastantes problemas”.

Primeiro, convide a criança a ficar sob controlo. Se não o fizer, ela está a dizer: “não posso manejar o meu banco”.

Não o suborne ou tente raciocinar com o banco. O banco não é razoável em primeiro lugar. Apenas maneje. Se não, a criança sentirá logo que o banco dele é maior que vós ambos.

Quando corta o comportamento reactivo, você não está a ferir o thetan. Você está a fazer-lhe um favor. Está a mostrar-lhe que um banco pode ser controlado. Ele estará algum dia grato por isto e ouvi-lo-á ostentar orgulhosamente que nunca lhe permitiram prosseguir com tal conduta.

A diferença entre comportamento analítico e reactivo pode ser ensinada a uma criança de três anos.

Eu usei o método do quadro-negro durante um certo tempo.

O quadro-negro, localizado na cozinha, foi dividido em “lado bom” e “lado mau” sob o nome de cada rapaz. Eles tinham boas notas por acções analíticas e más por comportamento reactivo. No termo da semana, estas “estatísticas” eram somadas e a mesada influenciada pela pontuação final.

Eles tinham más notas por provocar discussões, por serem excessivamente críticos ou argumentativos, por acções destrutivas, por nos tentarem influenciar com decepções, fúria, lágrimas ou outras emoções reactivas, por fazerem um trabalho negligentemente ou por quebrar quaisquer das regras domésticas.

As boas notas eram dadas por ajudar nos trabalhos da casa, por responder alegremente a um pedido, por superar um problema, por oferecer ajuda, por ideias criativas, por adquirir uma nova capacidade e por contribuir para o prazer ou sobrevivência da família.

Uma vez que ambos gostavam de ter o seu próprio dinheiro, este era um incentivo para procurar as recompensas e evitar as penalidades.

Eu vi que este sistema reduziu notadamente as minhas próprias frustrações.

Nunca deveremos penalizar uma criança por quebrar regras que não estão claramente definidas, nem manter regras variáveis para satisfazer os nossos caprichos. Logo, qualquer que seja o sistema de disciplina que você use, informe a criança do que espera dela.

Eu lia as regras da casa aos rapazes todas as manhãs durante uma semana para lhas inculcar. A partir daí, quando havia qualquer violação, simplesmente dizia: “toma lá uma má nota por isso”.

Eu não tinha que dar uma palestra a gritar ou a repisar: “o que é que vou fazer contigo?”

Eu fiz isso.

Esta reprimenda é sumária, mas diz tudo o que é preciso. Você e a criança depressa podem pôr a sua atenção em matérias mais alegres.

Se usar este método, a criança pode resistir às penalidades no princípio. Quando isto acontece, não discuta e não se justifique. Se suas regras são conhecidas, tudo foi dito.

Quando comecei com este sistema, ouvia frequentemente objeções: “Oh, não volto a fazer”, “esqueci-me”, ou: “isso não é justo”.

A isto respondia: “são dois pontos”.

Nenhum comentário além de adicionar pontos até as instruções serem levadas a cabo.

Você pode sentir-se como um ogre as primeiras vezes que faz isto. Sim. Isso faz parte da viagem. O banco (talvez o seu, assim como o da criança) o tente confundir sobre a natureza real da ajuda. Se você tem que adicionar dez pontos ao primeiro a fim de obter complacência, valerá a pena depois.

Depois de qualquer fiasco particularmente penoso, deixe o ar arrefecer alguns minutos e encontre uma razão válida para recompensar a criança com boas notas. Note alguma coisa que ela fez bem, ou dê-lhe um pequeno trabalho. Isto põe a atenção dele, e a sua, no lado mais das coisas.

A promessa de uma recompensa é mais eficaz do que a ameaça de castigo. Você poderia dizer: “limpa-me aquela cave senão amanhã ficas em casa”.

Você vai obter melhores resultados se disser: “há uma fornada de biscoitos à tua espera quando fizeres o trabalho”.

Depois do nosso sistema de quadro-negro estar a correr suavemente, as más notas começaram a diminuir. Quando eu dava uma, a resposta era geralmente pronta. “OK” ou “Perdão”.

A situação era administrada suavemente e a casa não era perturbada por causa de um deslize do banco.

Os rapazes começaram a apreciar o sistema algum tempo depois. Às vezes eles próprios marcavam pontos contra eles por algo malfeito.

Em Cientologia diríamos nós que ele estava “a pôr Ética em si próprio”. Este é um alto nível de responsabilidade.

Quando o quadro se desequilibrava para o lado mau, os rapazes corriam à procura de trabalhos extras que pudessem fazer para me ajudar.

Quer marcando os seus próprios pontos maus quer buscando ganhar bons, eles estavam a tomar mais responsabilidade pelo seu próprio comportamento. E a ideia é essa.

Eu deixei de pensar se o sistema iria de facto funcionar quando, um sábado, os rapazes conferiram o quadro. Havia só boas notas. Paul gritou: “Eh, eu bati o meu banco!”

Lee disse: “eu, também”.

Eu percebi que todos os três éramos vencedores.

Tal método só pode ter êxito se o seu propósito último for dar *razão* à criança (sentir-se *correcta*). Se só é usado para a fazer sentir-se errada o seu banco levanta a mão, e controlo torna-se uma palavra obscena. Não há nada de errado com controlo se for um thetan a controlar um banco. Quando, contudo, um banco tenta controlar um thetan, toda a gente falha. Isto é escravatura.

Se as más notas excederem as boas, comece a olhar para si próprio. As regras estão claramente compreendidas? Você está de facto à procura de razões para elogiar a criança? Se não as procura, acredite, nunca as encontrará. Quando a sua atenção está em encontrar falhas, só encontrará falhas.

Pense em formas da criança obter boas notas ou destruirá qualquer incentivo de melhoria.

Enquanto usava este sistema, eu ensinei aos rapazes o princípio de Ron Hubbard:

QUANDO RECOMPENSA ESTATÍSTICAS BAIXAS E PENALIZA
ESTATÍSTICAS ALTAS VOCÊ OBTÉM ESTATÍSTICAS BAIXAS.

(L. Ron Hubbard, ABILITY, Emissão 185: “Recompensas e Penalidades”)

Esta é uma lei natural e os rapazes compreenderam-na facilmente

Lee voltou da escola um dia para me dizer: “Algumas mães são tão parvas!”

Rindo da sua intensidade, perguntei-lhe: “Qual mãe?”

Ele disse que um rapaz da escola estava em sérios apuros por causa de mau comportamento. A mãe dele foi chamada ao professor. Depois das entrevistas a mãe do rapaz abriu a bolsa e deu-lhe um doce.

“Ela não sabe que isso é recompensar estatísticas baixas?” Lee perguntou exasperadamente:
“Como é que alguma vez aquela criança vai aprender?”

Boa pergunta....

Capítulo 3 ELE BATEU-ME PRIMEIRO

A consideração principal na criação de filhos é o problema de os treinar sem os vergar. Você quer criar o seu filho de tal maneira que não tenha que o controlar para que ele fique sempre na posse total de si próprio. Disso dependem o seu bom comportamento, saúde e sanidade.

As crianças não são cães. Elas não podem ser treinadas como cães. Não são itens controláveis. Elas são, e não negligenciemos este ponto, homens e mulheres. Uma criança não é uma espécie especial de animal distinta do homem. Uma criança é um homem ou uma mulher que não atingiu o crescimento completo.

Qualquer lei que se aplica ao comportamento de homens se aplica às crianças. (L. Ron Hubbard, CIENTOLOGIA: Uma Nova Visão da Vida).

Os rapazes andavam à luta todo o dia. Nada que eu dissesse produziu neles qualquer efeito duradouro. (Isto antes de introduzir o sistema de quadro negro e de começar a ensinar-lhes muitos dados de Cientologia). Eu gritei com eles, mandei-os para os quartos e ameacei-os. Fiquei exausta e abatida. Ainda ficaram endiabrados e prontos para mais confusão.

Eu estava na cozinha a considerar a penalidade para duplo assassinato quando uma minúscula faísca de racionalidade brilhou através do negrume. *Fazê-los confrontar-se um ao outro.* Eles não estavam a fazê-lo, eu sabia. Nesse momento estavam dois bancos em colisão. Dois gravadores foram deixados a tocar um para o outro enquanto os thetans tinham partido.

Agarrei em duas cadeiras e sentei-os a enfrentarem-se um ao outro. “Paul, tu sentas-te aqui. Lee, aqui. Agora, eu quero que se sentem aqui e olhem um para o outro. Não se devem mover ou falar. Só olhar um para o outro. Quando começarem a fazer isso ponho o cronómetro para cinco minutos. OK? Comecem!”.

Bem, eu ouvi argumentos. Eles suplicaram para fazer qualquer coisa excepto olhar um para o outro. Lee tinha menos de quatro anos de idade, o Paul tinha nove. Paul discutia, e o Lee tentava ir-se abaixo. Fracassando nisto (eu estava a segurá-lo), ele tentou empurrar a cadeira para atrás. Eu ganhei no fim, (eu era maior do que eles), e eles sentaram-se nas cadeiras. Havia alguns meneios, um pontapé encoberto, e um “ai” em voz alta. Parei-os e, ignorando todos os protestos, mandei-os começar outra vez. Reajuste o cronómetro para cinco minutos.

Depois de completados os cinco minutos do que eu considerei ligeiramente melhor do que confronto desesperado, deixei-os ir.

Entrei em colapso numa cadeira e comecei a pensar se as minhas acções os arruinariam para a Cientologia. O exercício que lhes mandei fazer era um dos exercícios de treino básico (usualmente chamados TRs) usados nas aulas de Cientologia. Este era o TR 0 que é usado para ajudar uma pessoa a aprender a sentar-se confortavelmente numa cadeira e confrontar outra pessoa sem auto-consciência ou embaraço.

Gostaria de dizer que comecei a ensinar os TRs às crianças com uma abordagem calma, analítica. A verdade é: eu *recorri* a eles num momento de desespero absoluto e não estava certa,

naquele momento, se realmente tinha os melhores interesses no coração. Estava a castigá-los? Pior ainda, estava-os a castigar com Cientologia?

Apesar da minha incerteza decidi continuar a usar este método para ver como funcionava. Finalmente, raciocinei, qualquer tipo de liderança definida e previsível era em absoluto melhor do que nenhuma. Além disso, deu-me alguma coisa para prevenir os seus maus-actos contínuos um contra ao outro. Da próxima vez, jurei, eu faria isto com mais amor e propósito. Eles poderiam ser ajudados com isso. Também, eu sabia que os tinha que ensinar, e que isto era ajuda em lugar de castigo.

Desde aquele dia: “OK, rapazes. Nas cadeiras”, era uma chamada familiar.

Aprendi a não esperar até as lutas deles alcançarem a fase de mutilação total, mas metê-los na ordem à primeira alteração.

Houve protestos, é claro. Às vezes eles até brigavam sobre quem se sentaria em qual cadeira. Contudo, eu não discutia com eles. Perante *qualquer* resposta que não um rápido cumprimento, adicionava-lhes outros cinco minutos. Antes de aprenderem isto bem, remoíam às vezes 30 ou 35 minutos.

Dias houve em que quase desisti. Talvez nunca funcionasse. Contudo reparei afinal que as idas para as cadeiras estavam a ficar menos frequente (por esta altura o sistema do quadro negro também estava em vigor para cobrir violações individuais). A casa ficava mais calma.

Eu usei estes dois programas (as cadeiras e o quadro negro) para trazer ordem. Ao mesmo tempo comecei a ensinar aos rapazes mais sobre a mente humana. Eles aprenderam que os TRs eram para os ajudar a manter os bancos sob controlo, e para aprenderem realmente a comunicar entre si.

Nunca me rendi a argumentos como: “Ele é que começou ”, ou, “eu não fiz nada”. Junto com outros fundamentos, ensinei-os que são precisos dois para fazer uma briga. É impossível uma só pessoa ter uma briga.

Havia muitos convites para arbitrar as batalhas deles, mas eu nunca caí nessa armadilha. Quando “a vítima inocente” tentava convencer-me que era inocente, eu poderia perguntar: “o que é que fizeste para entrares em apuros?” ou: “o que é que podias ter feito para evitar isso?”

Havia sempre uma resposta.

Por isso eles juntavam sempre as cadeiras quando havia uma perturbação entre si. Gradualmente aprenderam que é possível evitar entrar em apuros com alguém (desde então isto serviu-lhes bem em situações fora de casa).

Em breve começaram a tomar cada vez mais responsabilidade pelas suas próprias acções. Surpreendentemente, afinal de contas não me odiavam. Eles compreenderam o propósito das cadeiras.

Um dia fiz uma viagem rápida ao supermercado e deixei os rapazes a sós. Quando voltei, eles estavam sentados nas cadeiras. Faltavam dois minutos no cronómetro. Eu não disse nada. Quando o cronómetro tocou eles levantaram-se. O Lee fechou o cronómetro e ambos foram

calmamente lá para fora brincar. Eu nunca perguntei o que conduziu à autodisciplina. Eles tinham tomado a acção certa. Isso era o que importava.

É interessante que a maior parte das crianças gosta de fazer TRs. Muitas delas estão a tirar os cursos de comunicação para crianças nas nossas organizações e centros. Eu observo frequentemente os rapazes e raparigas a fazerem os seus TRs. Eles acham-nos usualmente divertidos e orgulham-se de os fazer bem.

Um fim-de-semana o amigo de escola de Paul, David, veio nos visitar. Paul e Lee começaram algum tipo de briga, e eu disse: “para as cadeiras, rapazes”.

Quando terminaram ouvi o David perguntar ao Paul: “quer dizer que só tens que te sentar ali *a olhar para o teu irmão?* Gaita! Isso matava-me!”

O Paul assegurou-lhe que não era assim tão mau e explicou-lhe o princípio disso.

Algumas semanas depois trouxemos o David para casa para outra visita.

A guiar o carro ouvi o David perguntar ao Paul se ele e o Lee ainda se tinham que se sentar nas cadeiras, e o Paul respondeu: “Oh, sim. Quando é preciso”.

“Sabes, eu falei disso à minha Mãe, mas ela não fez nada”. O David suspirou e adicionou tristemente: “Ela apenas continua a gritar connosco”.

Ao longo dos anos havia outras gratificações interessantes para os TRs. Paul recebeu elogios de vários professores pelo seu porte notável quando falava perante a classe. Aparentemente, a maior parte das crianças está extremamente nervosa quando dá as primeiras palestras. Elas metem e tiram as mãos dos bolsos, enervam-se, ficam confusas, coçam-se. Paul, parece, podia aparecer fresco e bem controlado.

Como ficaram melhores no TR 0, deixei-os continuar para exercícios mais avançados, e às vezes sento-me eu própria para trabalhar com eles. Até irmos para Inglaterra onde eu tirei cursos mais profissionais, eles próprios estavam prontos a começar algum treino formal (Lee com crianças e Paul com adultos).

Nós já não precisamos de tal disciplina, mas às vezes, para benefício de um amigo novo, os rapazes recordam ternamente e a rir as muitas horas “Nas Cadeiras”.

A recompensa mais agradável que eu recebi pelos meus esforços disciplinares veio de Paul há alguns anos atrás.

Nós íamos no carro e ele estava a falar da escola. Ele disse que muitos estudantes não faziam o trabalho de casa. Mencionou uma menina que lhe perguntou se viu um certo espectáculo de televisão na noite anterior. Ele respondeu: “Não. Não nos é permitido ver a TELEVISÃO em noites escolares”.

A menina exclamou: “Oh, como é que isso pode ser? A minha família inteira morreria sem TELEVISÃO. Todos nós a vemos todas as noites”.

Para mim, Paul comentou de esguelha que isto era evidente no tipo de trabalho de casa que a menina trazia. “Ela apenas precisa de mais disciplina. Eu penso que algumas pessoas não sabem disciplinar as crianças em absoluto”.

Alguns minutos depois, ele surpreendeu-me dizendo: “sabe, Mãe, você dá-nos muito mais liberdade do que a maior parte dos pais”.

Eu senti alívio e excitação. Por si próprio, ele trabalhou a diferença entre disciplina e castigo, e a diferença entre liberdade e indulgência desenfreada.

Eu não trocava a memória daquele pedaço de perspicácia de onze anos por um casaco de marta e um Jaguar.

Foi o primeiro de muitos ganhos importantes.

Capítulo 4 COMUNICAÇÃO CIVILIZADA

Um homem está tão morto quanto não puder comunicar. Está tão vivo quanto ele puder comunicar. (L. Ron Hubbard, Dianética 55)

Estabelecer a disciplina numa casa é impossível sem uma boa comunicação. A criança tem que *compreender* o que você está a fazer.

Depois de classificar o *comportamento reactivo* e desenvolver métodos de o colocar rapidamente sob controlo, não precisei de muito tempo para falar de má conduta. Nós pudemos usar a nossa comunicação para discutir assuntos de natureza mais construtiva, e elevar a atmosfera da casa para um nível mais alegre. Em vez de dar uma dissertação tempestuosa sobre como se comportar na vizinhança, pude dedicar tempo a ler com as crianças ou a falar sobre assuntos de interesse mútuo.

É necessário um alicerce de boa comunicação com uma criança, porque, gostemos ou não, é a base de tudo o que funciona na criação dessa criança.

Lá no fundo, é a única maneira de resolver um problema ou clarificar um mal-entendido. Quando bem estabelecida, nós usamos a comunicação para a ensinar e guiar. No topo, onde não pode restar nenhum problema sério, a comunicação é a recompensa por viver. Sem isso, nada feito.

É claro, depois de um dia horrendo na tábua de lavar roupa, a maior parte de nós pode pensar em noventa e nove coisas que devíamos ter feito em vez de manter uma conversação estimulante com uma criança de três anos. Contudo, numa situação difícil, (por acidente ou ingenuidade), é melhor lutar. Uma boa comunicação é o melhor utensílio conhecido para remar através dos perigos da paternidade.

Logo que nasce um bebé, primeiro você deverá começar a falar com ele, directa e frequentemente. Logo a seguir ao seu nascimento apresente-se-lhe a ele. Familiarize-o também com o resto da família e o ambiente. Isto pode parecer uma sugestão absurda, mas se não o tentou não o ponha de parte.

Eu falei assim com Lee alguns horas depois dele ter nascido. Disse-lhe quem eu era, o nome dele, onde nós estávamos e alguns dos nossos planos para o futuro imediato. À medida que eu falava, ele ficava calmo e calado. Durante o resto de nossa permanência no hospital, várias enfermeiras comentaram que Lee era o único bebé do berçário que não gritava a plenos pulmões, pelo menos durante uma hora antes das horas de comer. Quando o foram buscar, ele estava sempre desperto, mas sereno.

Logo, mesmo que você não acredite que um recém-nascido o compreende, lembre-se que não está a manejar um peru do talho. Há um ser espiritual naquele corpo, e todo o ser quer comunicação.

Dirija-se ao bebé numa linguagem clara e digna. Embora deva haver tempo para brincadeiras e tolices, chiribibis contínuos e outro gibberis incoerentes deveriam ser guardados para o periquito.

As crianças incluídas numa abundância de comunicação estarão mais contentes e aprenderão a falar mais cedo (e melhor) por causa disso.

Quando uma criança começa a fazer perguntas, (é inevitável; ela vai fazê-las), responda-lhe honestamente. Não seja vago, ou engenhoso, à custa dela.

Há muito mais a dizer sobre comunicação, porque ela se entretete em cada faceta da criação de crianças, mas aqui mesmo eu quero enfatizar uma parte disso.

Auditar é a acção de um auditor que faz perguntas a uma pessoa chamada “preclaro”. Para facilitar a audição Ron Hubbard desenvolveu o “Ciclo de Comunicação de Audição”. Este ciclo de comunicação, perfeitamente simples e preciso, é em parte responsável pelos resultados fenomenais que nós alcançamos com audição. Embora a formalidade rígida deste ciclo de comunicação esteja ausente na maior parte das conversas sociais, usar isso como guia pode ajudar qualquer de nós a estabelecer relações mais suaves com os outros. Benefícios notáveis são o resultado do uso de um bom ciclo de comunicação.

De facto, convencem-me que a Cientologia ensina hoje a única comunicação *civilizada* deste planeta.

Desnudado até aos ossos, o ciclo de comunicação de audição consiste em fazer uma pergunta obter a resposta, e acusar a recepção à resposta (reconhecê-la).

Embora nós não façamos perguntas numa conversação habitual, ainda assim obtemos “respostas” ou declarações de outros a maior parte do tempo. Estas deverão ser reconhecidas. A fraqueza mais comum em diálogo social é a falta de as reconhecer.

Um reconhecimento é simplesmente uma maneira de fazer outra pessoa saber que você a ouviu ou notou alguma coisa que ela fez. Pode ser simplesmente: “Isso é bonito”, “OK”, ou “compreendo”. Qualquer palavra bastará se fizer a outra pessoa saber que você a ouviu ou notou que ela realizou alguma coisa.

Eu lembro-me de uma mãe que me disse: “eu posso falar e falar com aquela criança e ela nunca me responde. Não sei se ela me ouve a maior parte das vezes”.

Sim. Isto é muito aborrecido. Aborrece a maior parte de nós quando não somos reconhecidos, porque deixa um pensamento ou realização pendurada no tempo, por terminar. Contudo, quando eu ouço uma reclamação como esta, eu sei alguma coisa da mãe queixosa. Ela não acusa a recepção ao filho como deve ser.

O hábito de comunicação civilizada é instilado através do exemplo. Eu vejo alguns pais dar ordens a uma criança, uma após outra, sem nunca reconhecer que uma única foi executada.

Sob tais circunstâncias, uma criança pode construir uma indiferença magnífica a instruções parentais.

Porquê?

Para ele a vida tornou-se um fluxo contínuo de “começos”, sem “paragens”.

Um “ciclo de acção” consiste de: Começar, Continuar, Completar uma actividade particular. Completar um ciclo de acção é benéfico para nós (embora isso seja fortemente entravado pelo banco reactivo).

Um reconhecimento ajuda a terminar um ciclo. Diga: “Bem feito”, ou “Acabou”. Se você quer melhorar a saúde mental de uma criança (e a vontade geral dela para fazer coisas), ajude-a a terminar ciclos. Quando ela lhe diz alguma coisa, acuse-lhe a recepção. Quando responde às suas perguntas, acuse-lhe a recepção. (Episodicamente, garanta que ela responde de facto à sua pergunta, uma vez feita). Quando ela lhe faz um trabalho ou incumbência, acuse-lhe a recepção.

Se lhe dá uma ordem, garanta que é levada a cabo. Esta é outra parte importante para a ajudar a terminar ciclos. Se deixar uma criança discutir para fazer alguma coisa, você obterá mais discussões cada vez que lhe pedir que faça alguma coisa. Se negligenciar que uma ordem seja levada a cabo, você obterá desobediência flagrante no futuro.

O pequeno Fisque deixa os brinquedos espalhados por toda parte na sala de estar. A mãe diz-lhe para os apanhar e os pôr na caixa. Ele ignora-a. Ela sai durante algum tempo do quarto. Depois ainda lá encontra os brinquedos, logo ela própria os apanha. Este momento de fraqueza custará depois horas de frustração.

O que a Mãe deveria fazer era entrar em boa comunicação com Fisque, conversar um minuto ou dois antes de lhe pedir outra vez para meter os brinquedos na caixa. Continuar até o trabalho ser feito. Sob nenhuma circunstância ela deverá permitir que a acção fique por completar. Se a criança está num hábito bem estabelecido de desobediência, ela deverá pegar-lhe na mão, pô-la num brinquedo, meter o brinquedo na caixa e dizer-lhe: “obrigada”. Isto deverá ser continuado até que a criança assuma a acção. Pode exigir paciência garantir que as instruções são levadas a cabo, mas esta persistência inicial economizará em última instância muito desgaste no seu sistema nervoso.

Coloque um valor alto na sua comunicação para uma criança, e na dela para si.

Assim que eu comecei a usar boa comunicação com os rapazes, eles próprios adoptaram isso. Eu ensinei-lhes os princípios da comunicação civilizada junto com as advertências para: “usar o garfo, e não seus dedos”. Ficou natural para eles. De facto, nenhuma dúvida, a sua comunicação é melhor do que as suas maneiras à mesa. Mas é mais importante.

Há um termo técnico para a falta do reconhecimento. É chamado “Q&A” (Questão & Acedência). Isto significa simplesmente que nós não deixámos uma pessoa terminar um ciclo. Se Periwinkle diz: “eu gosto destas batatas”, e nós dizemos: “Ótimo”, isso é um reconhecimento. Se dissermos: “Porque é que não comes as cenouras?” é Q&A. Isto não significa que nunca tenhamos que mencionar as cenouras, mas antes de começarmos um novo ciclo de conversação, recebemos a declaração de Periwinkle e deveremos terminar o ciclo daquela comunicação.

Lee aprendeu o significado de Q&A muito antes de o poder pronunciar. No primeiro dia de jardim-escola, perguntei-lhe se gostou. “Foi divertido”, respondeu, “mas esses professores fazem muito Q&A”.

Embora a capacidade dele para comunicar estivesse a melhorar firmemente, havia momentos em que eu sentia que o Lee poderia usar um pouco de polimento. Um dia eu ouvi-o gritar com uns amigos: “não sabes que tens que dizer ‘OK’ quando eu te digo alguma coisa?”

Eu fiquei surpreendida quando o professor de Lee do jardim-escola mencionou os seus modos maravilhosos. Não podia imaginar ninguém a dizer isto sobre minha indomável descendência. Depois reparei que deveria ser o ciclo de comunicação. Ele diria naturalmente “OK” quando alguém lhe dizia alguma coisa e “obrigado” quando recebia alguma coisa.

Eu não tinha apreciado completamente a raridade dos reconhecimentos até um dia em que o Paul estava no sétimo ano. Ele veio da escola enlevado. Depois da aula de inglês disse-me que a professora o chamou à secretária. “Paul, hoje vou-te pôr mais três “Bons” no livro”.

Paul era místico. Não era fácil obter um “Bom” com esta professora. Ela explicou: “Três vezes hoje, quando te passei os livros, quando vi o trabalho de casa, e quando desejei a todos um feliz fim-de-semana, tu foste o único na classe quem me agradeceu”.

Eu senti uma forte compaixão por esta professora. Ela deve ter sofrido da falta de ser reconhecida pelos seus esforços.

Desde então não esqueci que das maneiras mais belas de dar um impulso a alguém no meu ambiente é acusar a recepção aos que ajudam, ou alcançam, ou simplesmente continuam a fazer bem um trabalho regular, pois é por esses trabalhos de sapa, rotineiros que nós mais precisamos de reconhecimento.

Se você é dona de casa imagine como seria terapêutico se alguém lhe agradecesse por todas as comidas que cozinhou, por esses milhares de pratos que lavou (sem insistir no número exacto), pelas roupas que manipulou e os narizes que assoou. Uf!

Se for o marido não se importaria que lhe fosse dito provavelmente como é bom dedicar tantas horas de trabalho à família, guiar tantos quilómetros, aparar tanta relva, reparar tantos mecanismos quebrados e resgatar tantos cheques.

Nenhum de nós se importaria que alguém notasse que estamos a manter o nosso cantinho da super estrutura chamada vida.

Desde tenra idade, uma criança quer contribuir e ser notada por o ter feito. Logo, quando aquele pequeno de dois anos de idade lhe traz três dentes-de-leão esmagados e uma isca de pesca, você deverá *acusar a recepção* a este presente tão graciosamente como se fosse uma dúzia de orquídeas de um Rei.

Capítulo 5 O QUE COMUNICAR

A comunicação é o solvente de todas as coisas, ela dissolve todas as coisas. (L. Ron Hubbard, Os Fundamentos do Pensamento)

Além de aprenderem a comunicar, eu friso às crianças que elas deverão comunicar. A máxima desta casa é: quando em dúvida, comunica.

Isto ajudou quando foi necessário persuadir os detalhes de alguma reclamação ou perturbação. Uma vez à luz do dia, esses transtornos foram logo manejados.

Nenhuma paragem deverá ser posta na comunicação de uma criança, pois é o único meio dela mudar ou melhorar. A coisa mais cruel que você pode fazer a um jovem é proibi-lo de falar. Alguns pais calam uma criança porque não aguentam a constante tagarela. A razão porque uma pessoa tagarela excessivamente é porque a sua comunicação não está a ser reconhecida adequadamente. Ela apenas está a tentar ser ouvida.

Se o seu filho interrompe constantemente ou faz outras coisas para obter sua atenção, ele não obtém bastante comunicação correcta. Só o facto de você estar em casa com ele todo o dia não necessariamente significa que você dedique algum tempo a comunicação *escolha dele*.

Tente dar à criança algum tempo para uma comunicação ininterrupta do tipo dela própria. Ela pode querer a comunicação consigo jogando um jogo, à bola, ou lendo um livro juntos. Vinte minutos gastos a olharem juntos para uma revista, a falar das imagens e histórias, pode satisfazer completamente a sua necessidade de comunicação e poupa horas de atenção parcial chamada pelo seu mau comportamento.

Se uma criança quer dizer “odeio-te”, deixe-a dizer. Acuse-lhe a recepção. Ela provavelmente livra-se da coisa toda aí mesmo.

Se ela traz para casa alguma linguagem colorida de rua, veja se ela sabe o significado dessa linguagem (frequentemente não sabe). Explique-lhe a opinião social de tal linguagem, mas não proíba isso. Diga-lhe que a escolha é dela, mas que será provavelmente mais popular em certos círculos (que incluem outros pais) se não a USAR. Se você jogar forte em algo como isto, a criança será um anjo na sua frente, e falará como um marinheiro mercantil na frente de todos os outros, todos os quais o colocam no papel proverbial da avestruz, e isto significa muita areia nos ouvidos.

Especialmente siga uma política de comunicação aberta no assunto do sexo. Se não comunicar livremente com a criança (e ela consigo) neste tópico, você começará a perdê-la assim que alcançar a puberdade.

Ela deverá poder falar sobre a primeira vez que se masturbou. Deveria ler a *sua* cópia de “Os Grandes Amores da Senhora Flauntinal”, em lugar de a fazer permutas furtivas com os colegas nas traseiras da loja de livros “sujos”.

O próprio desejo sexual não é a fonte da aberração do homem. Joga uma parte relativamente pequena. O aspecto mais prejudicial do sexo é o mistério e o segredo com que às vezes é coberto.

Mantenha as linhas de comunicação com a criança, abertas e a fluir livremente.

Os meus filhos conhecem os meus pontos de vista na maior parte dos assuntos. Eles também sabem as leis e os costumes da nossa sociedade. Mas completamente aparte destes, deixo uma abertura para eles me dizerem qualquer coisa.

Logo, sem olhar a se eu tolero ou não alguma coisa que eles façam, eles sabem que são livres de me falar sobre isso.

Capítulo 6

ELE É UM PROBLEMA OU UM SOLVENTE DO PROBLEMA?

Paul correu para casa. “Mãe, posso dar um murro no nariz ao Jerry?”

“Não”, respondi, qual é o problema?”

Ele contou-me uma longa história complicada sobre os delitos de Jerry. O rapaz era um inimigo natural de Paul. Mais tarde mandei o Paul cortar totalmente a associação com o rapaz. Contudo, neste momento eu mergulhei de cabeça em águas barrentas. Tentei ajudar a resolver as dificuldades com Jerry. Sugeri alguns planos alternativos. Cada um foi espremido ou ridicularizado. Por fim, ficando desconfiada, disse: “Espera. Qual é exactamente o problema?”

Quero permissão para lhe esmurrar o nariz. Ele está a pedir”.

Não queres corrigir as dificuldades com ele?

‘Não. Só lhe quero dar um murro”.

“Ah, OK. Agora compreendo. Não. Não podes ter minha permissão para lhe bater. Está claro?”

Eu aprendi um par de lições valiosas com esta experiência. Em primeiro lugar, antes de tentar ajudar alguém, descubra o problema. Também é uma boa ideia descobrir se haverá só uma “solução” aceitável. Será uma reactiva. Quer dizer, não será a solução racional que provocará o maior bem para todos os envolvidos. Dar um murro a alguém no nariz é uma solução reactiva.

Também é necessário certificar-se que o indivíduo deseja livrar-se do problema. Ele pode falar sobre isto, mas sem pedir ajuda. Às vezes a pessoa está completamente contente por manter o seu problema. Se assumir isto de outro modo, está só a meter o nariz na serra circular.

Há várias razões porque uma pessoa se pendura num problema. Pode haver escassez de problemas na vida dela. Ou, ela pode estar a segurar o seu lado do problema porque está a servir algum propósito aberrado (pode estar a mantê-la fora da escola ou do trabalho). Pode haver uma comunicação incompleta sobre aquele problema (talvez uma carta, pergunta ou telefonema clarifique a coisa toda). Ou, se uma pessoa cometeu alguns actos prejudiciais numa área ou contra outro, ela experimentará um problema com aquela área ou pessoa.

Quando alguém lhe conta um problema, não esqueça o poder de um simples reconhecimento.

A filha adolescente diz: “penso que não vou à festa porque tenho medo que ninguém me peça para dançar”.

Aqui você deverá dizer: “OK”.

Isso pode ser o fim do problema. Ela disse-lhe a sua solução reactiva: não ir ao baile.

Um reconhecimento simples pode ajudar a terminar o ciclo desta solução, e valerá mais do que uma dúzia de tentativas para a tranquilizar.

Depois de dar conta de algumas das armadilhas desenvolvi alguns métodos cuidadosos quando um dos rapazes me trouxe um problema. Às vezes “OK” dava conta do assunto. Senão eu perguntaria, meio a brincar: “este problema está a servir algum propósito?” ou “tens a certeza que o queres resolver? Não quero retirar nada de importante”.

Por isso, suavemente, o assunto ficou claro. Em breve pararam de contar os problemas, a menos que quisessem ajuda.

Um dia, durante o primeiro semestre da escola secundária, o Paul disse: “eu tenho um problema e também o quero resolver”.

“Certo. O que é?”

Ele contou-me que um dos professores ficou aborrecido porque alguns estudantes faziam barulho na aula cada vez que ele saía da sala. Para resolver isto o professor começou a castigar a classe inteira dando-lhes mais tarefas. Ele pensou que os patifes sentiriam pena por este trabalho extraordinário dos outros estudantes e isto rectificaria o comportamento deles.

O Paul e eu sabíamos ambos que o professor não estava a operar numa base exequível. Obviamente, esta era uma situação que pedia mais comunicação. “Mas”, disse o Paul: “eu não quero parecer mais sabedor do que ele”.

Eu pedi ao Paul que pensasse em coisas que estava disposto a dizer ao professor. Finalmente ele desenvolveu um plano de que gostou. Foi para o quarto e traçou uma petição que sugeria que os ordeiros fossem colocados num lado da sala e os desordeiros no outro. Só deveriam ser dadas tarefas extras aos que tinham causado as perturbações. Os estudantes do “lado bom” policiariam a coisa toda, e votariam nos estudantes para passarem para o lado deles à medida que os desterrados mostrassem melhorias de comportamento.

No dia seguinte o Paul obteve assinaturas para a sua petição e apresentou-a ao instrutor. O professor ficou impressionado pela iniciativa de Paul. Conforme falavam, o Paul encontrou uma oportunidade para dizer: “sabe, não acho que esses sujeitos vão sentir pena de nós pelo trabalho extraordinário. Eles não *pensam* dessa maneira”.

Depois de pensar um momento, o instrutor disse: “Sim. Tu tens razão”.

O instrutor estava tão contente com a lógica e esforço de Paul que acabou imediatamente com as técnicas de castigo em massa. Embora nunca tenha posto o plano de divisão da sala a funcionar, começou a manejar as crianças mais eficazmente. Para Paul, a missão estava cumprida.

Eu estava contente com isto. Enquanto o resto da classe se queixava da injustiça, o Paul foi o único que acreditava que a situação podia ser corrigida e tomou acção para o fazer.

Se tentar ajudar alguém com escassez de problemas, você também estará a namorar o fracasso. A natureza do homem é tal que ele quer alguns problemas. Eles são o sal e pimenta da sua existência. A vida seria suave demais sem eles.

Eu conheci uma vez uma mulher só, na vizinhança. O marido dela trabalhava longas horas. Não havia filhos, e poucos interesses para a manter ocupada. Um dia começou a falar-me, finalmente,

sobre o seu grande problema com o cão. Por fim dei-lhe uma sugestão que lhe resolveria o problema instantaneamente. A isto ela retorquiu: “Você não compreende”.

Ela tinha razão. Não compreendi. Embora não precisasse de um problema com um cão, ela tinha-o. Eu tentei retirar um dos seus problemas, coisa que ela já possuía muito pouco.

É vital ao bem-estar de toda a gente manter só o número certo de problemas. Alguém disse uma vez que se você quer um trabalho feito, dê-o a um homem ocupado. Se o der a um homem com muito pouco que fazer, ele pegará no trabalho e ficará preocupado, e exagerará e aumentará as dificuldades, e ficará relutante para o terminar. Ou pode nunca lhe pegar em absoluto.

É importante que uma criança esteja ocupada bastante para satisfazer o seu desejo de muita actividade. Em Cientologia nós usamos a palavra “casualidade” para descrever a acumulação total de ocorrências fortuitas no ambiente do indivíduo.

Quantos trabalhos não planeados surgirão hoje? Quantas cartas mais terão que ser escritas? Devem ser manipulados quantos telefonemas não previstos, ou visitas? O total destes é a quantidade de casualidade durante o dia.

Eu expliquei casualidade uma vez ao Paul e disse-lhe que “mais casualidade” significava que havia mais a acontecer do que se poderia tolerar ou manejar. “Menos casualidade” era uma condição onde havia muito pouco para manter o seu interesse. “Casualidade óptima” é a actividade bastante para manter a vida agradável.

A casualidade óptima varia de pessoa para pessoa. Onde um indivíduo se sente melhor com muitas coisas para manejar (operador do painel de comando atarefado), outro ficaria sob tensão.

Uma noite eu estava a fazer o jantar, a ler uma receita, mantendo um olho na carne e a falar ao mesmo tempo com os rapazes. Quando o telefone tocou e o rapaz do jornal chamou para o ir buscar, eu disse: “Agora isso...” “...é mais casualidade”, acabou o Paul.

Eu acentuei fortemente os problemas da menos casualidade para Paul, porque isto é comum à maior parte dos jovens.

“Por exemplo”, eu disse: “Supõe que tu e os rapazes estão sentados ali à volta sem nada que fazer. Ficas chateados. Não gostas de estar chateado. Certo? Logo tentas encontrar alguma coisa que fazer. Agora, se manejares isso analiticamente encontrarás algo construtivo ou divertido. Por outro lado, se resolveres isso reactivamente, começarás a arreliar ou a aborrecer alguém, em breve um de vocês está zangado e, finalmente, há uma briga e talvez alguém vá para casa magoado. Logo, de enfado podes subir ou descer de tom. Em qualquer caso estás só a tentar resolver o problema de menos casualidade”.

Alguns dias depois eu ouvi-o a pôr isto em efeito com alguns amigos. Eles estavam a jogar monopólio no quarto. O jogo começou a ficar estúpido e os rapazes a chalicear. Quando isto aconteceu, o Paul disse: “OK, rapazes. Acabou. Vamos trabalhar no nosso forte”.

Se vir uma pessoa que chega sempre tarde e ocupada, você sabe que ela está numa condição de mais casualidade e é geralmente ineficaz. Ela assume mais do que pode manejar, e pode ser incapaz de terminar trabalhos ou pôr ordem no ambiente.

Uma pessoa com muito pouco que fazer desliza frequentemente para soluções reactivas. Ela pode exagerar pequenas doenças do corpo, criar grandes cenas ou tentar incitar a apuros à sua volta. Verá estes fenómenos na dona de casa chateada, no homem com um trabalho estúpido e na criança inactiva.

Alguns adolescentes parecem preguiçosos. Eles negligenciam o seu trabalho de casa e as suas tarefas. Muitas vezes simplesmente não têm bastante que fazer para a sua ambição brilhar.

Lembro-me de um adolescente a entrar no nosso centro várias horas por semana para um curso. Em breve ele começou vir com mais tempo para nos ajudar nalguns trabalhos. Um dia a mãe do rapaz disse: “é engraçado, já não temos dificuldade que o Bill faça as coisas. Ele está mais ocupado que nunca, mas faz o trabalho de casa logo depois da escola todos os dias, e ajuda mais alegremente em casa”.

Eu nunca tenho pena do jovem quem tem que trabalhar. Só sinto pena dos que não fazem nada. Para a sua própria sanidade, garanta que uma criança seja mantida bastante ocupada. Nunca a prive do direito de trabalhar e de contribuir de qualquer forma que ela possa.

Os pais deverão ajustar as suas próprias vidas para obter uma casualidade óptima. Se estão muito ocupados, eles negligenciarão as crianças e também outros trabalhos seus. Se não estão bastante ocupados, tornam-se com frequência excessivamente picuinhas e críticos dos seus filhos. (“Mary, acho que não deverias ver a Perry”, “Mary, deixa as unhas”, “Mary, não estás devidamente sentada na cadeira.”) Esta é uma tentativa de criar alguns problemas onde existem muito poucos.

Paul aprendeu facilmente a diagnosticar problemas de casualidade.

Um dia a chateada dona de casa da vizinhança repreendeu o Paul e os amigos dele por alguma transgressão menor. Um dos amigos perguntou: “de qualquer maneira o que é que está errado com aquela velha?”

Paul respondeu: “Oh, ela só está a sofrer de menos casualidade”.

“O que é isso, uma doença nova?”

“Não. Uma escassez de problemas. Ela não tem bastante que fazer”.

Capítulo 7 FALAR CONSIGO É SEGURO PARA O SEU FILHO?

Durante muitos anos eu fiz esta pergunta: “comunicar ou não comunicar?” Se a pessoa se mete em tão completos apuros Comunicando, então, é claro, deveria deixar de comunicar. Mas, não é o caso. Se a pessoa se mete em apuros comunicando, ela deverá comunicar mais. Mais comunicação, e não menos, é a resposta, e eu considero este enigma resolvido depois de um de quarto de século de investigação e ponderação. (L. Ron Hubbard Dianética 55)

Depois de dar uma conferência numa tarde surgiu um homem e disse: “Vocês falam muito de entrar em comunicação. Bem, gostaria de ver como faria isso com o meu filho. Ele quase nunca me diz palavra. Está a maior parte do tempo mal-humorado e, se eu tento puxar conversa, ele apenas emite respostas reservadas ou deriva para o seu próprio mundo de sonhos. Não sei o que fazer com ele. Todos os adolescentes são assim?”

Infelizmente, muitos são. É quase impossível apanhar um periódico actual sem ver um artigo sobre problemas de delinquência juvenil, abandono escolar, ou revoltas de adolescentes.

Os estudiosos, psicólogos e pedagogos estão a aplicar o seu conhecimento acumulado à questão da revolta dos nossos adolescentes, e eles parecem concordar que a maior parte do problema vem de comunicação pobre entre o adolescente e o adulto. Mas param por ali. Eu procurei, mas não encontrei, um só artigo que explique o que fazer por esta comunicação pobre. Eles oferecem banalidades sonantes, mas sem sentido, (“deverá compreender-se que este período transitório é de confusão e enigmático para a adolescência. Mais esforço deveria ser feito neste momento para compreender a complexidade da vida deles...”).

Eles diagnosticam correctamente a doença, mas não podem sugerir nenhuma real cura, e não há um vislumbre quanto à causa.

Eu aprendi a causa e a cura adentro da Cientologia.

A causa cedo é arraigada em hábitos pobres de ouvir dos pais. A cura só vem com boa comunicação: ouvir, compreender, reconhecer. Sem Q&A (Questionar e Aceder) (Quer dizer, estar disposto receber a comunicação dele sem lhe adicionar coisa alguma, isto é, sem a questionar).

O tipo de conversa que passa para conversação cortês na casa comum, gabinete, escola ou num cocktail, raramente é hoje mais do que um “livre-trânsito” para artistas do Q&A. Quase toda a observação que uma pessoa faz é imediatamente rejeitada, alterada, corrigida ou *Questionada* por outra pessoa. Estas são todas as formas de Q&A social.

Exige disciplina e carácter genuínos para não fazer Q&A, e aceitar simplesmente a comunicação de outra pessoa, (por favor note que eu disse “aceitar”; o que não necessariamente significa “concordar”). De facto, tais reacções poderiam ser impróprias numa festa. Se fosse o único ouvinte real do grupo você seria muito popular. Toda a gente o rodearia para lhe dizer coisas, e seria uma chatice. Você poderia facilmente ficar preso num canto privado das bandejas de hors d'oeuvre.

Contudo, Q&A com uma criança, é mortal. Nós partimos com uma comunicação aberta, limpa alinhada. É livre e elástica. Se contudo a usarmos mal, ela estica cada vez mais à medida que a criança cresce. Quando bate na adolescência, ressalta para trás como uma tira de borracha. Os pais confusos ficam com as pontas flácidas nas mãos.

Eis um exemplo dos resultados de não Q&A. O Lee ia à noite para a cama, brincava um pouco e vinha-me dizer: “Mãe, não consigo dormir”.

Eu respondia sempre: “o OK”.

Ele dormia sempre dentro dos próximos dois minutos.

Isto aconteceu quase todas as noites durante cinco anos. Às vezes uma baby-sitter falava dos problemas para conseguir que o Lee dormisse. Eu sabia, em tais casos, que a baby-sitter assumia que Lee “não conseguia dormir”, o que significava que ela deveria fazer qualquer coisa (acender a luz, ler uma história, dar-lhe uma bebida). Todas essas acções adicionais ajudavam meramente a manter vivo esse mecanismo de “não poder dormir”.

Ron Hubbard fez uma notável descoberta sobre a mente humana e a comunicação: se uma pessoa olha para alguma coisa na sua mente reactiva e a descreve para alguém com precisão e verdade, essa coisa deixará de a perturbar instantaneamente, *contanto que ela o diga a alguém que duplique a comunicação exactamente e lhe acuse a recepção.*

As crianças tentam instintivamente livrar-se de alguma coisa que os está a aborrecer falando disso à Mãe ou ao Pai.

O pequeno Juniper diz: “tenho medo da janela escura”. A Mãe, levianamente, tenta assegurar: “não há nada de que ter medo, querido, isso é uma tolice”.

Logo, Juniper ficou preso nisso. Ele ainda tem medo da janela escura. Um reconhecimento não encontrava e manejava a fonte do medo (isso é muito anterior), mas poderia cortar com isso. Se não o fizesse, pelo menos diria: “compreendo”. Se a criança quer a luz acesa para afastar os medos, a Mãe deverá deixar a luz acesa. O que a Mãe não deverá fazer é dizer à criança que não tenha medo.

Isso não funcionará.

Agora você pode ver que há provavelmente maneiras incontáveis de podermos alienar uma criança não aceitando a sua comunicação. Mas, o mais devastador (para ela) é o fracasso em aceitar a sua confissão de um mau acto.

O que é um “mau acto?” Qualquer coisa que fazemos (ou não fazemos) que fira outrem.

Billy tira o brinquedo à irmã. Isso é um mau acto. Billy não abre a porta à irmã quando ela está lá fora a chorar sem poder chegar à maçaneta da porta. Isso é um mau acto. Em primeiro lugar, ele fez alguma coisa. Segundo, negligenciou alguma coisa. Ambos resultaram em que a irmã se sentiu lesada.

Você pode fazer muito para aumentar o bem-estar dos seus filhos se tornar seguro que eles falem consigo, que eles lhe digam os seus maus-actos e, por isso, os limpem à medida que acontecem.

Ele tentará fazer isto quando é muito jovem, e isto é onde a maior parte dos pais cometem os primeiros erros.

O pequeno Abercrombie está a jogar na praia. Chega ao pé da Mãe e diz: “bati na cabeça daquela menina”.

Se a Mãe for sábia dirá: “obrigada por me dizeres”.

Isso é tudo.

Se for uma Mãe típica, dirá: “Porquê, seu malandro. Nunca se bate em meninas. Vais levar uma surra”.

Abercrombie recebe a mensagem. Não a de que não deveria bater em meninas. *Isso já ele sabia.* O que ele aprendeu foi isto: “não devo dizer nada à minha Mãe quando fizer alguma coisa má, porque levo pancada”.

Assim, esta Mãe toma inadvertidamente um dos primeiros passos para tornar inseguro o filho falar com ela. Logo ele começará a “conter-se”. Não dirá nada a ninguém sobre os seus delitos.

Se você der pontapés ao cão cada vez que entra pela porta, o cão aprenderá a esconder-se logo quando o ouvir entrar. Se castigar uma criança por comunicar, ela aprende a deixar de comunicar.

Você pode pensar (e justamente), como é que uma criança vai aprender o bem a partir do mal se apenas dissermos “OK” a tudo o que ela faz? Isso faz parte de nosso trabalho como pais. Nós deveremos ensinar-lhe certamente o comportamento aceitável da nossa sociedade. Se lhe virmos fazer alguma coisa destrutiva ou prejudicial a outros, intervimos, paramo-la e explicamos por que razão não é uma coisa boa. Aceitar as suas admissões não é igual a tolerar más acções. É importante fazer esta diferenciação. Pare os maus-actos por todos os meios, mas não PARE a sua COMUNICAÇÃO.

Lembre-se, a criança é basicamente boa e não quer criar maus efeitos nos outros. Ela realmente quer aprovação e admiração. Todos nós queremos.

Quando ela cria um mau efeito quererá rectificá-lo. Ela trar-lhe-á as suas lesões mentais da mesma maneira que lhe traz o joelho esfolado. Ela quer que você a ajude a curá-lo. Agora, você não iria dar nesse joelho esfolado com o martelo mais um par vezes, ou iria?

Vejam os adolescente mencionado no primeiro parágrafo. Ele não falava com os pais. Eles não sabem onde ele vai todo o tempo, o que ele faz ou quem são os amigos. Pensa que ele realmente não sabe qual a visão dos pais sobre conduzir, roubar, beber e conduta moral? É claro que sim, (a menos que estivesse surdo, cego e mudo, durante os últimos doze anos da sua vida). Também sabe quais os costumes aceites na sociedade, e os pontos de vista dos seus educadores e líderes religiosos. Há tantas palestras “do bem” na sua vida que ele está provavelmente farto delas até à raiz dos cabelos. Deixe-me assegurar-lhe, ele não precisa de outra palestra.

Ele precisa é de um ouvido compreensivo. Precisa saber que não é muito tarde para rectificar os seus erros e delitos do passado. Estar pouco disposto a falar com os pais porque sabe que eles serão incapazes de aceitar as suas comunicações sem Q&A.

Depois de auditar muitos adolescentes com êxito posso dizer-lhe que nunca foi necessário dizer a qualquer deles que estava a fazer alguma coisa errada. Eles é que me *disseram*. E sentiram-se maravilhosamente depois de o ter feito.

Outra pergunta que os pais fazem é: se você apenas aceita os maus-actos de uma criança sem ameaça ou crítica, ela não pensará que está bem ir logo cometer os mesmos actos outra vez?

Não. Ela melhorará gradualmente. Depois de tirar um mau acto sentir-se-á limpa e quererá ficar assim tanto quanto possível. Você não pode apagar completamente a compulsão para cometer maus-actos. Isto exige audição. Impedi-lo-á contudo de empilhar maus-actos, e isto é que é extremamente importante.

Enquanto eu estava a tirar o Curso Breviário Especial de St Hill (na Faculdade de Cientologia da Inglaterra), havia uma forte afluência de estudantes da faculdade da Suécia. Todos os fins-de-semana chegava uma dúzia de novos suecos para obter os níveis inferiores de audição feitos pelos estudantes do Curso Breviário. Eram pessoas mornas, amáveis, mas um número surpreendente delas estava a tomar drogas, ou LSD, ou a fumar haxixe. A política da Cientologia proíbe auditar quem está a tomar drogas, logo foi necessário enviar esses estudantes para o nosso departamento de “Ética” onde foram firmemente familiarizados com essa política. Às vezes exigiam-lhes que esperassem um certo período de tempo antes de serem admitidos nas nossas linhas de audição.

Que eu saiba, nenhum destes estudantes tocou em drogas depois de ser admitido em Cientologia. Em vez disso frequentavam cursos e avançavam para o estado de Claro. Agora estão todos a trabalhar no duro para salvar os amigos lá de “casa”.

Lembro-me de um destes rapazes, alegre, dezanove anos, que auditei a seguir a chegar a St Hill. Ele regressou pouco tempo depois para a Suécia, mas antes de eu deixar St Hill, ele voltou para mais audição e treino. Durante alguns meses em casa ele ganhou dinheiro, entrou numa sociedade com alguns amigos para comprarem um apartamento para prover receitas e seleccionou 115 dos amigos dele para vir a St Hill para audição e treino.

A maneira dele discutir a Cientologia não era ortodoxa, mas eficaz. Ele dizia aos amigos: “Homem tens que tentar a Cientologia. Esquece o haxixe. A audição é que é uma viagem”.

Este rapaz está a compensar qualquer transgressão anterior. Ele corrigiu-se e agora dedica-se a ajudar os amigos a fazer o mesmo.

Não se preocupe com “o que vai ser daquela criança?” Ao invés, preocupe-se primeiro com: “o que lhe aconteceu a ela?”

Você não pode prever o futuro de uma pessoa com alguma certeza antes de lhe limpar o passado.

Às vezes, quando encontra uma criança que comete um mau acto de algum tipo, é boa ideia arranjar-lhe uma boa maneira de o cancelar ou compensar.

Se ele danificou alguma coisa, deixe-o reparar, limpar ou substituir essa coisa.

Há vários anos atrás, observei eu, uma amiga com vários filhos pequenos que ganharam o hábito de pintar as paredes dela com crayons. Embora ela os espancasse, ralhasse e ameaçasse, as paredes eram ainda assim regularmente “decoradas”.

Alguns anos depois entrei na minha sala de estar e encontrei Paul, o livro de colorir abandonado e a expressar-se através de pinturas murais. Ele olhou para mim apreensivo. Eu não o repreendi, mas disse-lhe de passagem: “estou a ver que pintaste as paredes. Bem, então vou deixar que as laves”.

Dei-lhe um balde de água e uma esponja. Era um trabalho difícil e ele suplicou ajuda várias vezes. Contudo insisti para que ele terminasse o trabalho. Eu encorajava-o de vez em quando. Por fim, terminou. Depois disso decidi não prosseguir neste tipo particular de arte.

Vários anos depois o Lee também fez uma sala de Miguel Ângelo. Um único dia.

Quando estávamos em Inglaterra, a pequena de três anos que morava na mesma casa entrou na minha sala de estar para me visitar. Enquanto caminhava bateu na mesa do café e entornou uma tigela de açúcar. Assustada, começou a fugir da sala. Chamei-a de volta e disse-lhe: “agora limpa isso”.

Nos próximos minutos ficou atarefada a sacudir o açúcar para as suas mãos minúsculas, e a ir várias vezes ao cesto do lixo. Depois de algum tempo anunciou em triunfo: “já fiz”.

“Ótimo. Fizeste um bom trabalho”.

Ela estava obviamente contente que o seu mau acto accidental fosse anulado. E, ainda ficámos amigas.

No decurso da sua pesquisa, Ron Hubbard identificou o que chamou “Sequência Mau Acto - Motivador”. É assim: a) nós fazemos alguma coisa de mal a outrem, 2) contemo-nos de falar disso, 3) algo de mal nos acontece a nós.

Quando alguma coisa prejudicial ou desagradável nos acontece a nós, isso é um *motivador*. Nós sentimo-nos então justificados para cometer um mau acto. A grande descoberta de Ron Hubbard foi que *o mau acto precede sempre o motivador*, e não ao contrário, como a maior parte de nós prefere acreditar.

Não estou a dizer aqui que alguma invisível mão mística desce do céu e nos castiga pelos nossos maus-actos. Nós próprios é que os cometemos. Está construído no jogo da vida.

A maneira de quebrar a cadeia é puxar os maus-actos e contenções da criança (nós chamamos-lhes em Inglês O/Ws), e mantê-los limpos. Se a criança é muito jovem, comunicá-los logo desde o início deverá ser seguro para ela.

Eu fiz isto ao Lee. Como resultado, nunca senti necessidade de esconder nada de mim. Como matéria de rotina diária, ele diz-me tudo o que faz que poderia ser um mau acto, ou qualquer coisa ele ache perturbador. Logo, quer tome ou não um banho todas as noites, ele vai para cama com a mente limpa. Isso é muito mais importante.

Se a sua criança é mais velha e se criou o hábito do Q&A, pode ser precisa bastante paciência

para criar uma boa comunicação com ela outra vez. Você precisa de começar por a fazer saber que não a castigará por comunicar. Ou persuada-a a voltar a comunicar consigo. Se você souber ou suspeitar de um mau acto, insista para que ela lhe fale disso.

Você não obterá um resultado total no princípio. Não espere isso. Mais provável é obter nove motivadores (coisas que lhe foram feitas a ela) para cada mau acto, e até os maus-actos serão bem “justificados”.

Com alguma sorte a sua persistência será recompensada. A minha foi, de uma forma minúscula, quando o Paul tinha só sete anos. Ele estava a entrar em brigas diárias com Johnny que vivia ao lado. Paul estava sempre "inocente". "Ele bateu-me primeiro", ou "Ele roubou-me o meu camião", ou "eu apenas lhe bati de volta".

Eu dizia-lhe regularmente que era impossível uma briga sem duas pessoas. Não importa o que a outra pessoa faz, você não pode estar numa briga sem concordar estar numa briga. O desejo de estar certo era tão forte que levou algum tempo para a ideia lhe entrar na cabeça. Contudo, um dia a verdade venceu. Paul entrou a chorar. Por trás eu poderia ouvir Johnny a gritar ao correr para casa. "O que é que aconteceu"? Perguntei.

"Desafiador, ele disse, "apenas lhe bati de volta", mas em surdina adicionou: "...primeiro".

Depois de receber o meu primeiro treino profissional fiquei mais diligente sobre como conseguir que os rapazes me dissessem os seus maus-actos e contenções.

Houve uma noite memorável.

Paul tinha estado rabugento e crítico todo o dia (um sintoma de O/Ws), por isso à noite levei-o ao meu gabinete para uma conversa. Pouco depois era estabelecido que ele estava a esconder alguma coisa. Ele disse: “não vou dizer-lhe nunca, nem a ninguém”.

Com suavidade, mas firmemente, eu disse: “vais sim!”.

Não foi fácil obter essa primeira contenção. Tomou-me quase uma hora, mas nunca mais foi tão difícil para ele. (Por acaso os nossos códigos não permitem a revelação dos segredos pessoais que nos são ditos a nós. Paul permitiria provavelmente fazer uma excepção, mas de qualquer maneira ambos esquecemos o que foi).

Enquanto estávamos presos nesta luta mental de poder, eu percebi algo que me ajudou a puxar milhares de maus-actos de PCs (preclaros) de todas as idades: não importa o que ele tenha feito e não importa quão ferozmente o tenta esconder, **TODO O THETAN QUER REALMENTE SER DESCOBERTO!**

Como os rapazes aprenderam mais sobre a sequência mau-acto/motivador, eles observaram os fenómenos em acção ao seu redor. Como resultado, tornaram-se meticulosos a manter os seus próprios O/Ws limpos.

Uma noite mandei o Lee para a cama e disse-lhe que poderia levar dois biscoitos para a ceia. Depois entrei para lhe dizer “boa noite”. Ele ficou ali com ar de culpado.

“É melhor dizer-lhe o meu mau acto”, e disse: “tirei três biscoitos em vez de dois”.

Antes que eu lhe pudesse acusar a recepção, juntou: “oh, Mãe, eu já tive meu motivador. Ia a correr para me esconder na cama com os biscoitos e bati com o pé na cómoda e magoei-me”.

Estou convencida que nunca nós corrigiremos as crianças com ameaças e castigos. Estes métodos são extensamente usados. O crime ascendente, a delinquência, o vício das drogas e prisões a abarrotar atestam ao seu fracasso.

O método mais eficaz que eu conheço é ajudar a nossa juventude a limpar o passado. É igualmente importante dar bom exemplo elevando os nossos próprios padrões de ética e honestidade. Eu vi que fiz os meus mais significativos ganhos a manejar as crianças depois de limpar os meus próprios maus-actos contra elas, (tais como ser negligente ou impaciente, ou irreflectida, castigando-os).

Não é surpresa que uma criança aceite a hipocrisia como normal, vendo os pais a mentir e outros adultos no seu ambiente a infringirem as leis, a mentirem aos amigos e a puxarem motivadores.

Raramente ouvimos um homem dizer: “cometi um erro no trabalho e isso meteu-me em apuros com o meu chefe”.

Mais ouvimos frequentemente: “Aquele meu chefe é um real... Ninguém gosta dele”.

Podemos ouvir muitas razões porque um homem não está a avançar no trabalho, porque não está a ganhar mais dinheiro ou porque não conseguiu aquela venda. O que ouvimos não é frequentemente a verdadeira razão das dificuldades dele: ele cometeu maus-actos no trabalho.

A contenção é poderosa. É a acumulação de contenções que pressionam as nossas faces e nos fazem parecer mais velhos. É a contenção que nos faz criticar os outros. É a contenção que nos torna relutantes a comunicar. É, finalmente, a contenção que traz os nossos infortúnios.

Como matéria de rotina, se um dos rapazes parece puxar um monte de problemas, ou estar excessivamente crítico, eu digo: “parece que tens alguns O/Ws”. Então eles olham, encontram-nos e dizem-nos depois de que se sentem em grande.

Se você realmente quer ajudar o seu filho, não seja enganado pelos motivadores dele, mesmo quando eles soam mais razoáveis.

Um dia quando estávamos na Inglaterra, o Lee veio até mim bastante transtornado. Ele emprestou um loquete e a chave a um amigo. O amigo perdeu a chave e foi forçado a quebrar o loquete. Parecia realmente uma vítima honesta. A sua generosidade foi recompensada com descuido e destruição. Contudo, não simpatizei. Eu perguntei-lhe: “Agora o que é que tu podes ter feito para puxar aquele motivador?”

Depois de pensar um minuto, um sorriso lento perpassou-lhe pela face. “Lembra-se daquele xelim que achou na cama o outro dia? Perguntou-me se era meu. Bem, realmente eu não tinha a certeza se era, mas fiquei com ele de qualquer maneira”.

Foi o fim da reclamação sobre o loquete quebrado. No dia seguinte o amigo comprou-lhe um novo. (Por acaso, o Lee deu-me permissão para contar esta história).

À medida que os rapazes cresciam desenvolveram uma apreciação por pessoas menos reactivas do que a média.

Na Primavera de 1966, eles conheceram o primeiro Claro de Cientologia, John McMaster. Ele foi a primeira pessoa a seguir a tecnologia engenhosa de Ron Hubbard por ali fora até ao topo, para o estado mais alto de ser conhecido pelo homem.

Em John, os rapazes encontraram o seu herói (assim como eu). Aqui, em pessoa, era a pessoa mais poderosa que conhecíamos. Ele era sábio, mas modesto. Um homem de um calor e compreensão infinitos.

Depois deste encontro todos nós fortalecemos as nossas metas para chegar a Claro. Eu fiquei encantada por ver os rapazes tão fortemente influenciados por tão meritória pessoa. Eu soube então que Paul e Lee nunca seriam desviados por tipos duros que pudessem encontrar depois. Os que os tentassem alistar a colaborar em pequenos furtos, ou encorajar a fumar o primeiro cigarro de marijuana. Eles reconheceriam a “capa” dos fracos reactivos que eles realmente são.

Agora que os rapazes têm metas mais fortes para as suas auto-melhorias, fortaleceram a sua determinação para cometerem menos maus-actos.

Eles também começaram a manter-me nos meus pés.

Um dia estávamos a cozer biscoitos juntos quando eu comecei a queixar-me de um amigo: “Por que carga de água é que ele faz essas coisas? Fico tão furiosa com ele”.

A isto o meu pequeno sábio de seis anos disse, numa voz chateada: “Você tem maus-actos contra ele, é claro”.

Capítulo 8 PAUS E PEDRAS

“Parvo tosco!” grita o Tio Exasper: “Agora caíram todas as peças. Nunca mais teremos o relógio inteiro”.

Mortimer correu pelos degraus da cave acima e através da sala de estar onde eu estava de visita à mãe dele. Lágrimas silenciosas caíam-lhe pelas bochechas abaixo ao entrar na sala.

“Valha-me Deus”, disse a mãe, “Está sempre em apuros com o tio, e tanto tenta resolver”.

“Isto acontece frequentemente?” Perguntei.

“Bem, ele é bem tosco, acho eu”.

“Não, não quis dizer isso. Ele é muito frequentemente *chamado* de “tosco?”

Ela reflectiu sobre isto. “Sim. É. Mortimer adora consertar coisas, mas o meu irmão fica bastante impaciente e crítico. Ele não está habituado aos jovens, sabe?”.

Falámos durante algum tempo sobre a situação. A minha amiga perguntou se eu poderia sugerir alguma coisa. “Sim”, respondi instantaneamente: “Ajude o seu irmão a encontrar outro lugar para viver”.

Depois disso aconselhei-a e ao marido a concentrarem-se em restabelecer a autoconfiança do rapaz. “Deixe-o trabalhar nas coisas, mas ignore os pequenos acidentes. Elogie-o em qualquer coisa que ele faça bem. Continue a encorajá-lo”.

Algumas semanas depois a minha amiga chamou-me. “Não vai acreditar nisto...”

Bem, eu acreditei nela, mas era delicioso ouvir falar da tremenda melhoria do filho. “Bem, ele está a manejar os trabalhos mais delicados. Sabe que afinal de contas ele não é realmente tosco”.

As crianças troçam umas das outras com o velho provérbio que afirma: “... insultos nunca me magoarão”.

Isto não é verdade. A palavra falada pode ser tão danosa como paus e pedras, e mais subtil.

Quando uma pessoa lança nomes depreciativos a uma criança, com raiva ou gracejo, ela pode lançar a criança no mais indesejável papel.

Particularmente perigoso é o “tu és...”. Frases, como: “tu és descuidado”, “tu não passas de um vagabundo preguiçoso”, ou “tu és um estúpido”. Porquê? Porque ele tem uma mente reactiva.

Uma característica peculiar da mente reactiva é que ela vai, com uma obediência hipnótica, para onde a dirigirmos. Nomear coisas pode restimular (ou activar) a mente reactiva.

Quando nomeamos características indesejáveis, nós invalidamos o *thetan* e amplificamos a mente reactiva. A criança tosca ficará mais tosca, a criança preguiçosa ficará mais preguiçosa, a criança estúpida mostrará mais estupidez.

A melhor maneira de produzir um comportamento pobre é NOMEAR o comportamento pobre. Para ajudar uma criança, nós dirigimos a atenção dela para as coisas que ela faz bem e para as coisas que lhe permitiremos fazer. Não pomos a atenção dela nos seus erros, e nas actividades que não são permitidas.

A tia Miniver traz o pequeno Percival para a sala de estar dela e diz pomposamente: “Agora querido, podes brincar com qualquer coisa na sala, mas não debes tocar naquele vaso. É muito valioso, logo NÃO, NÃO, NÃO”.

Agora, Percival, se ele tem bons olhos e ouvidos, fará uma linha recta para o vaso proibido. Não porque foi proibido, mas porque Tia Minny *pôs a atenção dele no vaso e nada mais*. Ela teria protegido melhor o seu vaso ignorando-o, encontrando algumas quinquilharias interessantes e dizendo-lhe que *poderia* brincar com essas.

Há vários anos atrás observei um caso clássico de mal manejar. A criança tinha treze meses e estava a aprender a andar. Ela ficou encantada com as novas vistas. Explorando atarefada as novidades agora ao seu alcance, ela ficou fascinada particularmente pela mesa de café com a sua fileira de quinquilharias interessantes. Quando tocou numa delas, contudo, a mãe bateu-lhe nas mãos e avisou-o: “Não. Tu não podes ter isso”.

Isto fez pouco para intimidar a criança. Ela alcançou-a outra vez. Ela bateu-lhe outra vez. Esta maratona continuou durante toda a minha visita.

Nenhum deles ganhou aquela batalha. Enquanto o rapaz crescia, a mãe continuava a bater e a gritar, e o rapaz continuava a rebelar-se. Quando atingiu a adolescência, ele registava uma história notável de acidentes e contratempos. Ela ainda o determinava e a mente reactiva dele ainda seguia amavelmente as directivas dela: “vês?, eu disse-te que ias cair dessa árvore. Agora podes ter um braço partido”.

Há algo obviamente errado num método que repreende uma criança por estar curiosa e interessada no seu ambiente.

Eu vi outro casal moderno manejar esta situação de uma maneira realmente diferente. Quando a primeira filha aprendeu a andar pela casa, os pais despejaram todas as mesas e estantes ao seu alcance.

Os únicos objectos disponíveis eram os próprios brinquedos da criança. Fiquei muito interessada em como isto funcionaria. Numa inspecção breve parecia certo. Na verdadeira prática, contudo, transforma toda a casa num berçário. Isto pode ser bastante desconfortável para os outros. Quando visitei esta casa achei que não podia usar um cinzeiro ou poisar uma chávena de café ou uma bolsa. A criança foi conduzida a acreditar que qualquer coisa dentro do seu alcance era dela.

Quando Paul e Lee alcançaram a idade da exploração, eu decidi em solo intermédio, e pus em prática o sistema de dirigir a atenção. Quando ele chegava a algum objecto eu deixava-o manusear e dizia-lhe como se chamava. Quando ele ficava satisfeito, eu conduzia o objecto de volta para a mesa e dava-lhe qualquer outra coisa ou dirigia-lhe a atenção para um brinquedo.

Embora fossem removidos artigos perigosos das áreas inferiores, decidi que os pequenos acessórios para viver confortavelmente deveriam ser partilhados com as crianças. Nenhum deles era tão valioso que não pudesse arriscar uma possível quebra. Logo, as mesas permaneceram intactas, com plantas, pedaços de porcelana e estatuetas espalhadas. Estes objectos não foram proibidos nem qualquer atenção foi posta neles. Nunca bati nas mãos dos rapazes e eles perderam interesse nas minhas coisas. Por acaso, nenhuma delas foi quebrada.

Se você pensa que algo é realmente perigoso, remova a criança do perigo ou remova o perigo da criança, mas não se sente ali a *dar nomes ao desastre*.

Se você pretende ajudar uma criança a aumentar as capacidades, ponha a sua atenção (e a dela) nalguma coisa que ela possa fazer ajude-a a fazê-la melhor.

Muitas das advertências parentais era melhor ficarem por dizer. Em vez de dizer a um rapaz que tivesse cuidado para não se magoar a jogar à bola, ajudá-lo-á mais se disser: “faz um bom jogo. Eu espero que ganhes”.

Se achar necessário recordar a uma criança alguma coisa que ela não deva fazer (e esses dias *existem*), leve sempre isso a cabo dizendo-lhe algo que lhe é permitido fazer. Deste modo você não o deixará com a atenção na actividade negativa.

Chame-lhe o nome que quiser, porque só obterá o que nomear, bom ou mau.

Capítulo 9 O QUE É A SEGURANÇA?

...segurança é em si mesmo compreensão. Insegurança é IGNORÂNCIA. Quando a pessoa é insegura, ela simplesmente não sabe. Não está segura. Homens que SABEM estão seguros. Homens que não sabem acreditam na Sorte. (L. Ron Hubbard, Problemas do Trabalho)

Lúcifer está sentado na sua cadeira alta a comer uma banana alegremente. A mãe está a descascar batatas na cozinha. A porta dianteira bate. O pai entra à pressa na cozinha. “Oh, *estás* aqui. Então, onde é que está o carro?”

“Fiquei sem gasolina”, responde a Mãe. “Deixei-o perto da drogaria”.

Pai, agora irritado, diz: “quando é que aprendes que o carro precisa de gasolina quando o ponteiro indica ‘vazio?’”

“E tu?”, grita a Mãe: “tu é que gastaste a gasolina toda ontem”.

A batalha continua, as vozes ficam mais altas e mais zangadas.

Lúcifer, observando a confusão, franze o sobrolho e começa a chorar. A banana esquecida cai ao chão.

Para a Mãe e para o Pai, a disputa em breve terá terminado e provavelmente rirão disto depois. Contudo, Lúcifer é mais seriamente afectado. Porquê? Porque a previsibilidade do ambiente dele colapsou inesperadamente. Isto ameaça a segurança dele. Os pais tornaram-se estranhos furiosos. Eles foram apanhados no seu próprio jogo e o jogo exclui-o a ele. Ele já não sabe o que esperar.

Até uma criança, (que pode não compreender as palavras de uma discussão), apanhará as emoções. Isto restimula a sua mente reactiva e ela sente-se perturbada.

Para qualquer pessoa, (e especialmente uma criança), segurança é *previsibilidade*. A criança tem que saber que os pais estão lá e que continuarão a estar lá enquanto ele estiver dependente deles.

Prevenir os transtornos é importante para a sanidade da criança. Ocorrências imprevisíveis estimularão a mente reactiva. Muitas delas farão a criança sentir-se insegura.

A pequena Jenny, de três anos, corre para a mãe de braços estendidos: “Mãe, eu amo-a”.

A mãe, que escreve uma carta, diz: “não me aborreças agora, querida”.

Jenny esperava o afecto dela retornar, mas foi rejeitado. Esta pode parecer uma ocorrência menor, mas pode deixar uma cicatriz.

Jenny vem dizer à Mãe que a boneca está a dormir. A mãe ainda está ocupada e ignora a comunicação. Outra possível cicatriz.

A mãe leva Jenny às compras. Jenny diz: “Mas eu não gosto desse vestido”.

“Ora, é um vestido lindo, querida. Vais gostar dele”.

Jenny esperava da Mãe compreender e concordar com ela sobre o vestido. A mãe não o fez.

Para reduzir transtornos, torne as coisas previsíveis e consulte a vontade da criança. Para se sentir segura, ela deverá ser mantida quente e bem alimentada. Também precisa de ser manejada, conversada e notada.

Não a ponha a brincar num ambiente inseguro. Eu sou chocada repetidamente com o número de crianças que têm que ser levadas à pressa para hospitais para fazerem lavagens ao estômago depois de tragarem algo prejudicial. Tais coisas não devem ser acessíveis a uma criança. Além do dano físico, ferir-se num ambiente julgado seguro, abala a sua certeza.

Não deite fora nenhuma das coisas da criança sem obter a sua permissão. Eu digo isto embora saiba que é provável que você encontre algo num bolso do rapaz no dia da lavagem da roupa. Contudo, mal compreendemos o valor apropriado de um mármore quebrado, uma pele de serpente seca, duas rolhas de garrafa e uma antiga pata de peru.

Se a família está a fazer algum tipo de mudança drástica, como mudar para uma casa nova ou trazer a avó para viver com ela, a criança deveria saber de antemão os detalhes.

Se ela vai para um lugar novo (creche, jardim-escola, ou viagem de férias) isto deverá ser completamente descrito à criança. Faça-a saber o que a espera.

Se você deixar uma criança com alguém, fale-lhe disso de antemão. Alguns pais são reais covardes com isto. Eles contratam uma baby-sitter e enquanto ela distrai a criança, eles esgueiram-se. É uma crueldade porque a criança entra usualmente em histeria quando descobre a ausência dos pais. Isto pode desenvolver numa criança muita ansiedade por perder os pais. Nunca sabe quando eles podem desaparecer. Ela pode suspeitar de cada visita.

Se você disser a uma criança que vai sair e ela chora, saia de qualquer maneira. A maior parte das crianças param de chorar assim que o carro sai da garagem. Tal comportamento significa que você foi imprevisível no passado, ou a criança pensa que chorar o fará mudar de ideias.

Pode haver uma insegurança posicional. Se uma criança é violentamente balançada à volta da sala e abruptamente posta em baixo pode sentir-se desorientada. A maior parte das crianças gosta de muito movimento, mas se uma criança parece confusa ou assustada, não faça isso.

Nenhuma criança deve ser forçada a fazer ou a dizer algo que ela ache embaraçoso. Muitos pais transviados insistem com o pequeno para tocar piano, recitar o seu poema, ou: “conta à Sra. Indiferente aquela historinha gira”.

Desempenhos forçados podem torná-los menos confiantes. Também, não se força uma criança a mostrar afecto que não é real para ela. Se ela não quer dar um beijo à Tia Agatha, não a obrigue a fazer isso.

Diga à criança a verdade. Se ela vir que lhe mentiu sobre alguma coisa, você fica imprevisível para ela. Se houver algo a perturbar os adultos da família, a criança deverá ser informada. Caso

contrário ela pode sentir que é a causa da perturbação ou irritação. Uma criança pode absorver uma tremenda quantidade de verdade. Não tenha medo de lhe dizer.

Às vezes uma criança preocupar-se-á com alguma coisa, no futuro. Isto pode ser resolvido com comunicação. Descubra o que ela não compreende.

Lee disse-me uma vez que nunca se casaria. Adicionou que não sabia arranjar namorada, ou o que lhe dizer. Discutimos isso e eu respondi a todas as suas perguntas. Uma semana depois falou-me de quatro namoradas diferentes. Com este tipo de harém no Primeiro Ciclo, decidi não me preocupar com a sua capacidade de conquistar namoradas quando alcançasse a idade de casar.

Parte da previsibilidade está em ajudar uma criança a aprender a contribuir para a sobrevivência familiar e tomar conta de si própria. Ela ganha segurança obtendo confiança. Obtém confiança aprendendo a fazer um grande número de coisas.

Não cuide de uma criança tanto que ela não aprenda a tomar conta dela própria.
fazer

Em vez de se exasperar com ela todas as manhãs, “deixa-me apertar-te o casaco. Onde está o teu chapéu? Não te esqueças de calçar as mitenes”, deixe-a ir vestir-se.

Se apanhar frio a caminho da escola, depressa aprenderá como se vestir bem.

Uma vez dada um pouco de auto-confiança, um dia a criança tranquilizá-la-á, como Lee o fez depois de entrar no jardim-de-infância. Ele disse-me que não havia problema se eu fosse às compras e não pudesse estar em casa quando ele voltasse da escola. Ele não se preocuparia comigo. “De qualquer maneira”, adicionou, “eu sei que vai voltar a qualquer momento e sei onde guarda os biscoitos”.

Eis um último ponto no assunto da previsibilidade. Eu perguntava por que razão algumas crianças choram quando levavam as vacinas. Por minha própria experiência, eu não as achava dolorosas. Talvez, decidi eu, fosse só a sua imprevisibilidade. Para testar esta teoria preparei o Paul para as primeiras vacinas quando ele tinha três meses. Enquanto o médico estava fora da sala, eu disse ao Paul que o médico ia espetar uma agulha “aqui mesmo”. Pus a minha unha no braço dele espetando-a várias vezes até que ele se habituasse a essa sensação naquela área. Quando o médico entrou e lhe administrou a injeção, o Paul olhou com um interesse descontraído. Nenhum choque, nenhuma lágrima, nenhuma surpresa.

Usei isto com êxito até aos seis anos. Contudo, nessa altura, levou uma injeção inesperada de um médico. Ele gritou de terror e continuou a gritar durante algum tempo. Era a primeira vez que ele sentia uma injeção como “dor”. Mais de dois anos depois, ele ainda se retraía com medo se pensasse que poderia precisar de outra injeção.

Mais tarde, por ele e por mim, eu eliminei o medo dele manejando o incidente numa sessão de audição.

Eu usei o mesmo método com Lee. Ele é de facto um “oportunista” tal, que fez um acordo com a última enfermeira que lhe deu uma injeção.

Ela prometeu dar-lhe um chupa-chupa depois da injeção. Ele sorriu para ela, (como um tubarão de cartão), e disse: “Por dois chupas nem sequer chorarei”.

Capítulo 10

BRIGAS, AJUSTES E LÁGRIMAS

Mergatroid entra numa ira a gritar porque não pode ter um biscoito, Pertonella estoura em lágrimas quando o vestido da boneca não lhe serve, o pequeno Squishlena corre a esconder-se no armário quando a campainha da porta toca, a Mãe fica no meio dos caos doméstico e considera suicidar-se, o pai aparece tranquilo, mas gostaria de os assassinar a todos.

Estas são todas emoções reactivas. Elas são reais, elas estão descontroladas, e, apesar da provocação aparente, elas são impróprias da ocasião.

Um Cientólogo treinado descreveria estas atitudes como certos pontos na Escala de Tom Emocional (Veja cópia da escala de tom no termo deste capítulo). A escala de tom é uma sequência de atitudes emocionais (ou tons) indo do nível inferior de sobrevivência (que é Apatia) para o mais alto (que é Serenidade).

A escala foi desenvolvida por L. Ron Hubbard depois de anos de pesquisa e observação. Ele observou que quando uma pessoa experimentava uma grande perda ou transtorno, ela cairia para um tom inferior. À medida que a situação melhorava, ou a pessoa recuperava, ela subiria através de certas atitudes progressivas para o alcance do seu tom habitual. Isto porque há uma ordem particular dos pontos da escala. Os números atribuídos aos tons não são significativos.

Um indivíduo flutua na escala de cima abaixo conforme tem boa ou má sorte. Contudo, ele está em média num tom particular a maior parte do tempo, e este tom influencia as suas acções e pensamentos sobre a vida. De facto, o seu tom é a sua “perspectiva de vida”.

Se você estudasse todo o material de Ron Hubbard sobre a escala de tom, achá-la-ia útil. Ao conhecer uma pessoa, você poderia ver o seu tom dentro de segundos e saberia muito acerca dela instantaneamente. Você saberia como ela poderia fazer um trabalho, de que tipo de coisas falaria, o que a faria rir, como responderia a uma ideia nova, se poderia ou não retransmitir uma comunicação com precisão, como manejaria as pessoas e como é benquista. A escala de tom pode ajudar a seleccionar um amigo ou sócio empresarial, (patrão ou empregado).

Para compreender as reacções emocionais do seu filho, estude o quadro e anote a posição, ou sequência de atitudes. A pessoa que está mais alta na escala de tom está mais viva. Ela contribuirá para a sobrevivência desses que a rodeiam. Uma pessoa num tom inferior está menos viva e será destrutiva para o ambiente. A linha divisória é 2.0. Acima deste ponto uma pessoa está a ser a maior parte do tempo analítica. Ela está a contribuir para a vida. Ela tentará ter sucesso. Abaixo 2.0, uma pessoa é cada vez mais reactiva e tentará parar as coisas que estão a ser feitas. Ela assume qualquer trabalho com esperança negativa tal que usualmente falha.

Ao manejar uma criança ela ajudará a reconhecer os seus tons emocionais, e a sua sequência. Se está a chorar num momento e zangada no próximo, ela está a subir de tom. Se for o inverso ela está a baixar.

Como você maneja cada tom depende da sua própria perícia e mobilidade. Eu posso apenas dar alguns prós e contras.

Não tente raciocinar com um tom reactivo. É uma automação activada. Se você se sentar e discutir com um leitor de CDs obterá quase os mesmos resultados. Você pode ignorar um tom reactivo, acusar-lhe a recepção, compreendê-lo, mas *não discuta*.

Não condene uma pessoa por causa do tom em que ela está. É apenas a roupagem que ela está a usar agora.

A maior parte dos indivíduos instala-se em tons cada vez mais baixos à medida que crescem. As crianças flutuam muito para cima e para abaixo. Embora não possamos eliminar os tons inferiores sem auditar a verdadeira fonte, (a mente reactiva), nós podemos fazer muito para ajudar a melhorar o tom de uma criança.

Se notar que um certo ambiente, condição, pessoa ou palavras produzem qualquer das manifestações de tom inferior numa criança, faça o que puder para eliminar estes restimuladores. Se ela ficar assustada quando tiver que ir à cave não a force a ir lá sozinha. Quando um bebé chora, tente alimentá-lo. Nove em dez vezes ele terá fome e não quer esperar. Se a criança fica perturbada quando o Tio Willie a arrelia, não permita tal.

Nem você nem outros deverão tocar deliberadamente os “botões” de uma criança. Quer dizer, não dizer e fazer coisas que lhe estimulem o banco reactivo. Quando nós estamos perto de alguém depressa aprendemos o que palavras ou situações lhe espoletarão certas emoções. Nós sabemos como o fazer chorar, ou zangar ou amedrontar. Tocar-lhe os botões é em si mesmo um comportamento irresponsável e de tom baixo.

Se um tom é cronicamente restimulado, (o botão é demasiado tocado), a pessoa pode cair cronicamente naquele tom. Se é posta repetidamente em situações que a assustam, ela ficará finalmente temerosa e cautelosa com tudo.

Geralmente, os tons inferiores são espoletados automaticamente por uma fonte desconhecida do indivíduo. Contudo, uma criança também pode *adoptar* um certo tom porque isso “resolve” coisas no seu ambiente.

Se você não louvar uma criança quando ela está a fazer alguma coisa alegremente e bem, e *sim* responder quando faz alguma coisa de tom baixo, a criança começará a usar mais frequentemente tons inferiores a fim de criar um efeito em você.

O pequeno Mortimer entra excitado em casa. “Mãe, o carro dos gelados está a chegar! Posso ter um? “

“Não. Hoje não”.

Mortimer cai para Antagonismo (“eu quero, porque é que não posso?”) A mãe ainda diz: “Não”, logo ele fica zangado. Se a Mãe persiste, ele continuará a cair pelos tons abaixo. Ele pode dar-lhe “graxa” dizendo-lhe que é uma Mãe querida (1.1), pode oferecer-lhe alguma coisa, apelar para a condolência, lágrimas, e, finalmente, entra em apatia.

Se a Mãe fica com a decisão dela e ignora o drama, a criança recuperará logo e voltará para cima da escala. Contudo, se ela ceder em qualquer ponto ao longo da linha, a criança adopta logo aquele tom para uso futuro. Se chorando obtém o cone de gelado, ela chorará quando quiser

alguma coisa. Se a Mãe o espancar por se ter zangado, mas ceder quando finge ser bom, ele tornar-se-á um caso de Hostilidade Encoberta a fim de vencer a Mãe.

Nós rendemo-nos ao tom que menos podemos tolerar. Por isso, ironicamente, criamos o ambiente que mais nos aborrece. Se não aguenta lágrimas, você reage a elas. Por isso, quando a criança quer criar um efeito em você, ela chora.

Daí que o jogo da vida rodopia na sua espiral descendente, com entes queridos a ajudarem todos os dias a guiarem-se uns aos outros para mais próximo da loucura.

Note o seu ponto de rendição. A que emoção é que você cede com recompensa ou algum tipo de atenção (até punição)? Se raramente responde a uma criança até ela ficar ruidosa e problemática, você terá uma criança ruidosa e problemática. Se nunca lhe der afecto até que ela fica doente magoada, há ali um inválido potencial.

Na nossa vizinhança anterior, Paul brincava com um amigo que estava usualmente em Antagonismo ou Tédio. Às vezes a mãe deste rapaz ia chamá-lo a nossa casa para lhe pedir para voltar para casa ou para lhe fazer um recado. Nessa altura, instantaneamente, ele adoptava uma atitude lamentável (0.9). A voz e os modos dele mudavam completamente. Era difícil reconhecer o mesmo rapaz que estava a brincar tumultuosamente alguns minutos antes. Esta, obviamente, era a melhor maneira de manipular a Mãe. É previsível que, se este rapaz casar com uma mulher que lhe faça lembrar a Mãe, tornar-se-á um caso de Condolência crónica.

Ao lidar com uma criança, seria bom lembrar um dos Axiomas de Ron Hubbard:

AXIOMA 10: O PROPÓSITO MAIS ALTO DESTES UNIVERSO É A CRIAÇÃO DE UM EFEITO. (L. Ron Hubbard, Axiomas de Cientologia)

Você verá que toda a gente está a tentar criar um efeito. Em primeiro lugar, todos nós queremos criar um *bom* efeito. Nós buscamos admiração e a aprovação dos nossos esforços mais do que tudo. Eis a criança a fazer coisas para lhe mostrar, ou a subir a uma árvore ou a jogar basebol. Ela quer que você admire a realização dela. A sua aprovação é a sua “paga”.

Se uma criança não obtém admiração ou aprovação, ela ainda tentará criar um efeito. Ela pode esforçar-se para ser notada, para ser distinta. Ela pode ser ruidosa e ousada. Pode usar roupas esquisitas, chamativas, ou um estilo de cabelo incomum.

Fracassando tudo mais, ela pode procurar de facto ser castigada. Ainda assim está só a tentar criar algum efeito. Para uma criança abandonada, uma surra é melhor que ser totalmente ignorada. Nenhum de nós deseja sentir que ninguém sabe ou se importa se existimos.

Um amigo meu estava numa festa onde um grupo de adultos decidiu arrelhar uma criança fingindo não a ver. Eles deram voltas a olhar em frente para além do rapaz dizendo: “Onde é que está o Billy? Não estou a ver onde possa ter ido?”

No princípio a criança sorria e a brincar gritou: “eu estou aqui!”.

Contudo, depois de alguns minutos, ele achou que ainda era “invisível” para o grupo. Desceu na escala rapidamente e começou a bater noutros, pedindo para ser visto. Finalmente apenas se sentou a chorar.

Isto parece cruel e inumano. E foi. Contudo, até certo ponto, muitos de nós fazemos isto a uma criança de uma maneira mais subtil. Quando não “vemos” as suas actividades ou capacidades de cima da escala, mas apenas as faltas, nós nunca acusamos a recepção ao thetan. É como se estivéssemos a dizer: “*tu* não estás aí. Só o teu banco é que está”.

É importante diferenciar se uma emoção é ou não natural para a ocasião. Seria bastante antinatural, por exemplo, se uma criança não sentisse desgosto por uma perda séria, ou se permanecesse calma na frente de um tigre ameaçador. Também, por causa do banco reactivo, uma criança pode sentir desgosto na perda de ninharias, porque restimula uma perda maior anterior. Ela pode ter medo de um gato, porque restimula um medo anterior. Em tais casos, reconheça como ela se sente. Nunca diga uma criança que não chore quando está com um desgosto, ou que não tenha medo quando está com medo.

Note apenas que ela não se habitue a usar tons inferiores para obter a sua atenção ou condolência. Se chorar porque você não lhe dá um biscoito, ignorará isto e deixa-a voltar para cima na escala. Dê-lhe o biscoito quando ela estiver alegre e de boa fé. Se ela se enfurecer porque você não a ajuda a juntar os brinquedos, ignore a fúria e espere até que ela possa pedir ajuda de uma forma racional.

Às vezes um dos rapazes tentava usar um tom inferior para obter alguma coisa. Quando isto aconteceu, eu simplesmente disse: “ora, tu sabes que esse tom não me fará mudar de ideias”.

Eu sou geralmente bem firme com as regras da casa. Isto economiza muita disputa e ganha respeito pela disciplina. Contudo, eu tento manter alguma flexibilidade nas minhas decisões individuais. Havia ocasiões em que eu vi que estava a ser mais reactiva do que os rapazes. Por isso, se eles pudessem vir com uma solução mais alta na escala do que a minha, eu ouviria.

Uma vez proibi o Paul de ir para uma função do Grupo de Jovens da igreja por causa de algum má acção cometida em casa. Depois de eu expressar a minha decisão na matéria, nós soubemos que o Grupo tinha agendada uma visita a uma estação de rádio local. Ele não a queria perder e eu voltei atrás com minha decisão, mas não quis relaxar completamente a minha disciplina.

No dia da ida, Paul abordou-me. “Mãe, podemos reabrir as negociações desta viagem do Grupo de Jovens?”

“Sim”.

“Bem, eu gostaria de fazer um acordo. Se me deixar ir farei meus próprios almoços e levo-lhe o pequeno-almoço à cama durante uma semana”.

Uma vez que ele estava a manejar a situação no cimo da escala, (e uma vez que eu gosto do pequeno-almoço na cama), aceitei a oferta de trocar penalidades. Alguma mãe poderia resistir a um acordo destes?

O facto de as crianças poderem estar mais alto na escala do que eu em certos casos foi demonstrado por Lee quando tinha quatro anos. Era primavera. A água do lago ainda estava gelada e eu disse aos rapazes para não irem nadar até o tempo aquecer um pouco mais. Contudo, um dia a tentação foi irresistível ao Lee. Ele estava a brincar na praia. Primeiro molhou os pés,

depois as pernas das calças. Não muito depois conseguiu cair lá para dentro. Uma vez que já estava molhado, ficou a nadar algum tempo.

No dia seguinte, eu disse-lhe que tinha que ficar em casa o dia todo. Ele disse: “OK”.

Sentou-se a brincar com os camiões. Alguma reactividade em mim, contudo não estava satisfeita com esta aceitação fácil. Eu disse: “Lee, estás a ser castigado por teres entrado na água ontem”.

Ele olhou calmamente. Com a dignidade de um thetan muito sábio, disse: “eu não estou a ser castigado”.

Enquanto ele regressava ao seu jogo, eu senti pesar e admiração. Ele concordou com a minha decisão no assunto, mas *não concordou com sentir-se degradado*. Penso eu que nós fazemos frequentemente esta escolha.

A ESCALA DE TOM EMOCIONAL

40.0	SERENIDADE DE SER
20.0	ACÇÃO
8.0	EXULTAÇÃO
4.0	ENTUSIASMO
3.0	CONSERVANTISMO
2.5	ENFADO
2.0	ANTAGONISMO
1.8	DOR
1.5	RAIVA
1.2	ANTIPATIA
1.1	HOSTILIDADE COBERTA
1.0	MEDO
0.9	CONDOLÊNCIA
0.8	PROPICIAÇÃO
0.5	DESGOSTO
0.05	APATIA
0.0	MORTE

(por L. Ron Hubbard, tomado de “a escala de tom” quadro)

Capítulo 11

RESPONSABILIDADE E JULGAMENTO

Que terrível força de vontade é exigida a um pai para não dar constantes torrentes de directivas a uma criança. (L. Ron Hubbard, CIENTOLOGIA: Uma Nova visão da Vida)

“Nunca mais voltas além. Estás a ouvir? Nunca. Nunca. Nunca”.

Eu abanei os ombros do Paul ao gritar com ele. Ele estava confuso e assustado com a minha ira. Então reparei que não estava a fazer a coisa certa. Deixei-o em paz. Eu precisava de reflectir sobre isto.

Do outro lado da estrada passava um riacho, com pedras largas e águas rápidas. Paul foi proibido de chegar perto dele. Agora, quase com cinco anos e ficando aventureiro, foi atrás dos amigos para o riacho. Isto aconteceu duas vezes na semana anterior. Eu não podia compreender tão flagrante desobediência. Não era nada ele.

Depois de considerar a situação decidi que eu estava a ser sobre-protectora. Voltei atrás para falar com ele. Expliquei-lhe que ia pôr à *sua própria* responsabilidade a segurança dele. Se ele quisesse viver e crescer, disse-lhe eu, tinha que aprender a ver as situações perigosas e evitá-las ou manejá-las. Lembrei-lhe que se quisesse brincar perto do riacho, eu não estaria perto para o ajudar caso houvessem quaisquer apuros. Deixámos as coisas deste modo. Não houve qualquer contratempo com o riacho durante os quatro anos que permanecemos naquela área.

Eu aprendi uma lição valiosa com este incidente. É de longe melhor fazer saber a uma criança que ela é responsável pela sua própria sobrevivência do que continuar a fazer montes de regras incumpríveis para governar a sua conduta.

Hoje eu compreenderia muito melhor esta situação do que então. O seu desejo de seguir os amigos e explorar espaços novos era natural e desaberrado. Eu era a reactiva com os meus medos e sobre-proteccionismo. Logo era um caso de banco (meu) a tentar parar o ser.

Embora possa arruinar os nervos, temos que permitir a uma criança cometer os seus próprios erros, se necessário, a fim de aprender.

De vez em quando eu dizia aos rapazes: “Agora lembra-te, este corpo é teu. Tu estás encarregado da sua sobrevivência.

Esta lembrança geral valia mais de mil regras. Os rapazes aprenderam gradualmente o bom julgamento, porque estavam a usar o seu próprio. Não o meu.

Este ponto é bem ilustrado num incidente que ocorreu vários anos depois. Nós tínhamo-nos mudado para uma nova casa virada para um lago. O Paul era um excelente nadador e sabia as regras de segurança na água. Contudo, o Lee tinha menos de três anos e ainda não sabia nadar.

Pouco depois de estarmos instalados, eu levei o Lee até a praia da comunidade. Estava lá outra mulher com um rapaz da mesma idade. Ela tinha-o na água rasa, protegendo-o e guardando-o constantemente.

Eu decidi deixar o Lee ir por si próprio para a água sem palavras de precaução. Eu estava de fato de banho, logo sentei-me na praia pronta para ajudar se necessário. Ele começou a brincar e a chapinhar. Pouco depois aventurou-se um pouco mais. Estava num lugar muito fundo sem que se percebesse disso e mergulhou. Eu estava-me a preparar para o ajudar quando ele subiu outra vez e expeliu água, mas em solo firme. Veio logo para o pé de mim e disse-me: “entrou-me água no nariz”.

“OK”.

Ele voltou para trás. Alguns minutos depois estava a mergulhar e a tentar nadar debaixo de água. Não foi outra vez para muito longe.

Pouco depois esse outro pequeno (o bem protegido) estava a ser pescado do fundo pelo instrutor de natação da Cruz Vermelha. Num momento de desprotecção, aparentemente, ele escapou à mãe e mergulhou, negligente, nas águas profundas, mesmo por cima da cabeça.

Se tentarmos proteger muito uma criança ela depende de nós, mais do que dela própria. Não tem a oportunidade de desenvolver bom julgamento e responsabilidade.

Às vezes eu sou surpreendido a ouvir pais de crianças quase crescidas que ainda gritam o tipo de conselhos e advertências totalmente (geralmente despercebidos) que eu deixei de dar ao Lee pouco depois da infância. Os pais que insistem em dizer aos adolescentes quando assoar o nariz e usar as luvas, são usualmente os mesmos que se queixam do pobre julgamento das crianças.

O julgamento vem de aprender por experiência. A responsabilidade é desenvolvida gradualmente, dando à criança coisas para fazer.

Você não tem o direito de negar ao seu filho o direito de contribuir. Um ser humano só se sente capaz e competente desde que lhe seja permitido contribuir tanto ou mais do que o que ele recebeu. (L. Ron Hubbard, CIENTOLOGIA: Uma Nova Visão da Vida)

Como parte da sua primeira contribuição, uma criança quererá começar a tomar conta dela própria. Ela tentará alimentar-se, irá para casa de banho sozinha e vestirá a sua própria roupa.

Não há provavelmente maior frustração do que observar uma criança que se veste pela primeira vez. Pode ser necessário sentar-se em cima das mãos para se privar de interferir; mas, quando ela demonstra o desejo de tomar conta dela própria, deixe-a.

Depois, ela desejará fazer alguma coisa para a família. Deixe-a. A sua ajuda inicial pode ser bastante exaustiva, mas será compensadora depois. Deixe-a seleccionar os trabalhos que ela quiser tanto quanto puder. Veja que ela obtém trabalhos fáceis para si própria. Louve-a por os fazer e ela voltará à procura de mais.

As crianças manejadas deste modo combaterão pelo privilégio de contribuir. Se esperar que a criança tenha idade bastante para fazer alguma coisa que *você* considera útil antes de a deixar fazer a sua parte, verá que ela já não quer fazer nada.

Uma amiga minha estava muito impaciente por aceitar as ofertas desajeitadas dos dois filhos. Depois, quando tinham oito e dez anos de idade, ela decidiu dar-lhes algumas tarefas. Agora, foi difícil. Eles estavam preguiçosos e indiferentes. Lamentaram e imploraram para largar o trabalho, e às vezes apenas ignoraram inteiramente as ordens dela.

Uma vez que uma criança escolha (ou lhe seja dado) um trabalho, não permita que ninguém lho tire. Ela precisa de o terminar a fim de desenvolver a responsabilidade por terminar ciclos. Isto construirá gradualmente a sua confiança.

Além de permitir à criança fazer coisas e aprender por experiência, deverá ser-lhe dado tanto conhecimento quanto possível sobre a vida. Isto ajudá-la-á a exercitar o bom julgamento de situações que caso contrário seriam confusas.

Eu acho as crianças extremamente boas na aplicação prática dos dados de Cientologia que lhes dei. De facto, elas raramente estão interessadas em fantasias que soam a filosofia. Ao invés, elas insistem em exemplos. Elas querem ver que uma ideia funciona. Como resultado disto, podem olhar para muitas situações da vida e depressa as avaliar.

Logo após Lee começar a escola na Inglaterra ele pasmou a nossa senhoria (uma cientologista da velha guarda) quando ela lhe perguntou o que achava da professora. Ele respondeu: “Oh, ela é correcta, mas é um autêntico caso motivador”.

Confundida, a senhoria perguntou: “o que é que queres dizer com isso, querido?”

“Bem, ela está sempre a culpar as crianças e a dizer-lhes que se comportam mal. De facto, ela apenas não sabe controlar a aula”. Ele adiantou: “eu não lhe digo isto, é claro”.

Capítulo 12

DÊ AO SEU FILHO O FUTURO DELE

Desde que nós nos dirigamos ao espírito (thetan), contanto que devolvamos ao indivíduo alguma convicção e fé nele próprio, ele ficará melhor, mais luminoso, o QI sobe, a capacidade de manejar coisas melhora, fica mais poderoso, mais persistente, mais amável e indulgente, mais tolerante e menos crítico. (L. Ron Hubbard, Dianética: A Evolução de uma Ciência)

Se a Mãe está convencida que as lições de balet são um imperativo, *ela* deverá tê-las.

Embora possa parecer estranho ver uma mulher de trinta anos pendurada numa barra, de pernas um tanto rechonchudas no ar, a visão não é tão patética como ver a filha de sete anos passar severamente por tais movimentos para agradar à mãe quando ela preferiria estar em casa a desenhar novas roupas de bonecas.

Embora alguns pais nunca estejam bastante prontos a aceitar este facto, *a criança não é uma das nossas coisas*. Não a possuímos, nunca possuiremos. Demos à luz o seu corpo, ela pode partilhar algumas das nossas características físicas, mas não herda os nossos desejos.

Ela é uma pessoa diferente, uma entidade separada, com os seus próprios gostos e aversões.

É um erro sério tentar anular o poder de escolha de uma criança no que ela quer ser e fazer. Alguns pais fazem isto numa tentativa de viver as suas vidas através da criança.

Jimmy quer ser cientista, mas o Pai quer que ele seja uma estrela de basebol, porque o Pai não era bastante bom nisso.

Antes dos dez anos de idade, quase toda a criança mostra interesse nalguma actividade particular. Pode ser música, dança, desporto, ciência, arte, ou uma perícia manual de algum tipo. Se manejada correctamente, ela aprenderá e expandirá nesta linha. Isso pode dar-lhe toda uma vida de prazer, e, possivelmente um bom sustento.

Se contudo você faz a coisa errada com os primeiros interesses de uma criança, ela pode-os abandonar e passar a vida pesorosamente a tentar ajustar-se ao molde errado.

Ao auditar, eu encontrei muitos adultos pesorosamente na ocupação errada por causa de influência parental na meninice. Trabalhei com um engenheiro que sempre quis ser vendedor. Conheci um professor de filosofia que queria ser cantor e um vendedor que realmente queria ser fotógrafo. Você pode provavelmente pensar numa dúzia em exemplos disto.

De facto, é uma delícia rara conhecer o indivíduo que está na profissão certa, a que ele sonhou enquanto criança. Quando vemos tal pessoa sabemos que há boas hipóteses dela estar satisfeita e ser bem sucedida no trabalho.

Além de forçarmos os nossos próprios interesses numa criança, há duas outras maneiras de podermos esmagar as suas próprias metas. Nós podemos *inibir*-lhe os propósitos não fazendo nada por elas. Podemos forçar-lhe as metas fazendo demais por elas.

A primeira é óbvia. Afinal de contas a criança olha para nós para lhe aprovarmos as coisas que faz. Se ridicularizamos ou desfizemos as suas primeiras tentativas, ela pode abandonar as suas actividades nesta linha. Contudo nunca abandonará completamente os seus sonhos.

Forçar a meta é uma acção mais subtil.

O júnior expressa o desejo de tocar violino. Os pais indulgentes estão tão contentes que reconhecem esta meta em demasia, (lembre-se que um reconhecimento é uma paragem). Eles apressam-se a comprar-lhe um Stradivarius, contratam o melhor professor e insistem para que pratique três horas por dia. Em breve eles se perguntarão por que razão o Junior terá perdido o interesse no violino.

Ele já não é causa sobre a sua ambição, mas efeito. Os pais tomaram conta disso e agora controlam-no. Provavelmente completarão o erro recordando: “mas, querido, isto é o que querias! Nós só estamos a tentar fazer alguma coisa por ti”.

As metas de uma pessoa são bastante frágeis na primeira fase. Se os primeiros esforços são fortemente invalidados, ela nunca pode melhorar.

Se ela fala do seu propósito e também é fortemente aceite e admirado, ela pode “estoirá-lo” (apagá-lo), e nunca mais avançar. Esta é a razão porque algumas das nossas piores características permanecem no lugar (elas nunca são reconhecidas), e alguns dos nossos melhores propósitos são contrariados (eles são sobre-reconhecidos).

Não menospreze o poder do seu reconhecimento.

Reconheça sempre e admire as realizações da criança, as coisas feitas. Isso permite-lhe terminar o ciclo. Ela é agora livre de fazer mais e melhores coisas nesta linha. Ajude-a a projectar a sua meta no futuro.

Não acuse pesadamente a recepção a alguma coisa que a criança está a *planear*. Preocupe-se com ela sobre como a produzir. Mantenha isso *vivo* mostrando interesse ou oferecendo sugestões. Não assuma você as metas dela, e seja só espectador. E mantenha o seu entusiasmo amordaçado.

Se uma criança precisa de lições ou equipamento, tenha a certeza que ela consegue alguma ajuda antes de você lha oferecer. Se possível, encontre formas dele ganhar parte do dinheiro necessário para financiar a sua aventura. É surpreendente quanto trabalho uma criança fará para avançar para uma meta que ela realmente quer.

Uma vez trabalhando em alguma coisa não interfira com o seu progresso. Admire o que ela fez, mostre interesse, mas nunca insista para que ela pratique ou trabalhe nisso.

Paul ficou interessado a brincar com os tambores no sexto ano. Pensando que era um capricho passageiro, eu não lhe comprei o primeiro tambor antes de mais um ano e meio. A seguir ele quis um jogo de címbalos. Quando eu não lho comprei, ele saiu e ganhou o dinheiro necessário (numa semana), a cortar relva e a lavar carros para os vizinhos. Ele persuadiu o pai depois para lhe comprar o resto do jogo de tambores.

O seu interesse de tocar tambores nunca baixou. Ele toca-os em cada oportunidade. Eu nunca lhe sugeri que praticasse, nem interferi com a sua prática.

O interesse mais forte de Lee é na arte. Com a idade de três anos, quando a sua atenção foi limitada a minutos na maior parte das actividades, ele passava duas ou três horas de cada vez a colorir ou a pintar.

Até ter quatro anos pôs de parte crayons e pinturas de moedas de dez cêntimos. Queria cores de aguarelas profissionais e papel de qualidade de topo.

Eu forneço-o com materiais em troca das suas melhores pinturas.

Uma vez que desfruta de uma rara combinação de talentos, (é artista e vendedor), cedo começou a capitalizar na admiração do seu trabalho. Começou a vender os quadros por um péni cada. Depois, quando nos mudámos para a Inglaterra, aumentou o preço para três.

Hoje conduz uma vida dupla. Satisfazer os professores (e o seu gosto convencional pela arte), tenta ficar dentro das linhas do livro de colorir e escolher a cor certa de crayon.

Em casa ele pinta abstractos impressionantemente bonitos, faz exposições privadas (só os mostra à pessoas de quem gosta), e faz vendas regulares. O seu trabalho é agora possuído por pessoas de Detroit, Nova Iorque, Washington DC., e de várias partes de Inglaterra, Gales, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul.

Estou certa que se ele desejar continuar a sua arte, nada parará o seu sucesso.

Afinal de contas, o que é o sucesso senão fazer o que você realmente quer?

Capítulo 13 A PESSOA SUPRESSIVA

Todos os homens cometeram actos de violência ou omissão pelos quais poderiam ser censurados. Em toda a Humanidade não há um único ser humano perfeito.

Mas há esses quem tentam ser correctos e os que se especializam no erro, e a partir destes factos e características é que você os pode conhecer. (L. Ron Hubbard, revista Ability Nº 189: “A Personalidade Social”)

Assim que entrei na cozinha a empregada saudou-me dizendo que Paul estava doente outra vez.

Eu não podia compreender o que estava errado com ele. Eu tinha estado fora de casa quase um mês nos dias de semana enquanto ajudava alguns amigos na sua nova Franchise (uma Franchise de Cientologia é mantida por um ou mais indivíduos treinados que oferecem audição preliminar e aulas ao público).

Durante esse tempo, Paul esteve duas vezes doente e sofreu duas lesões graves. Reparei que Lee estava frequentemente torcido e irritável.

Pensei na empregada nova. Os rapazes pareciam gostar dela. Ela era perita em pesca e eles desfrutavam deste desporto com ela. Mesmo assim os rapazes estavam a fazer montanha russa. Quer dizer, eles andavam num ciclo, para cima e para baixo. Um dia estavam bem e no dia seguinte desciam de tom ou ficavam doentes. Isto significa que alguém no ambiente era uma Pessoa Supressiva.

Eu tirei as minhas notas sobre Supressivos (SPs). Os dados eram na ocasião novos para mim e eu estava longe de ser perita em aplicá-los.

As crianças estavam obviamente Potenciais Transmissores de Sarilhos (PTSs). Isto é o que nós chamamos uma pessoa que está conectada com uma Pessoa Supressiva. Eles estavam certamente a dar muitos sarilhos.

Depois de examinar as minhas notas, a verdade era clara. A nossa bela, prestável empregada *era* um SP. Despedi-a imediatamente e falei com os rapazes sobre a sua influência neles. Logo a casa regressou a normal.

Depois, Ron Hubbard deu mais informação sobre as características de um SP. Aprendi a respeitar a importância destes dados e agora acreditar que todos os pais deverão usar esta informação se querem criar uma criança sã, saudável e feliz.

É bom saber que a pessoa que lhe está a dar ruidosamente apuros pode não ser o SP. É mais provável ser um PTS. O supressivo estará na retaguarda, sorrirá silenciosamente e parecerá bastante normal. De facto o SP está louco, mas os sintomas são tão subtis que é muitas vezes alguém fortemente sob a influência dele que é julgado louco.

O SP é basicamente bom (como todos os homens), e os motivos dele são pró sobrevivência. Contudo, ele está preso num incidente antigo que ameaçou a sua sobrevivência e sente que tem que destruir esse inimigo. A dificuldade é esta: ele considera-nos a todos esse inimigo.

Por causa disto, o SP é especialista em parar outros. A fim de se sentir seguro pensa que tudo no ambiente deve ser mantido quieto. Ele desencorajará as pessoas de procurar a sua própria melhoria, de fazer coisas bem sucedidas e de comunicar. Ele minará os nossos sucessos e tentará desviar a atenção dos nossos propósitos principais para propósitos inferiores.

Uma razão porque o SP é difícil de identificar é que ele fala em generalidades. Em vez de dizer que ouviu um comentarista de notícias discutir uma possível baixa da economia, dirá: “toda a gente está a prever uma grande depressão”.

Frequentemente usará palavras como “eles”, “as pessoas”, “ninguém”, sempre”, etc.

O Supressivo lida com má-língua e notícias de natureza alarmante. Ele passará notícias más ansiosamente e negligenciará qualquer boa notícia (ou altera-a para soar má).

O chefe diz a um empregado SP: “o José está a fazer um ótimo trabalho. Quando tiver um pouco mais de experiência vou promovê-lo”.

O SP vai para o José e muda a conversa dele com o chefe, mas sai assim: “o chefe pensa que você tem realmente muito que aprender antes de obter qualquer promoção”.

A Pessoa Supressiva acha difícil terminar ciclos. Isto pode surgir de maneiras diferentes. Talvez ela seja incapaz de terminar trabalhos. Ou, se completar alguma coisa, volta lá e começa a trabalhar nisso outra vez. Ela pode ter a dificuldade de terminar uma conversa ou de se ir embora depois de uma visita. Se ele se move muito deixa frequentemente atrás de si um rasto das suas coisas abandonadas. É provável que salte de um assunto para outro numa conversa, inserindo perguntas e comentários. Você pode ficar de cabeça à roda com pensamentos e comunicações incompletas.

Um SP atacará o alvo errado. Se não faz uma venda pode culpar o chefe por ter chegado tarde, ou a esposa por comprar um vestido novo.

Ele pode confessar maus-actos alarmantes com completo autodomínio, enquanto que a pessoa sã fica envergonhada com os seus delitos e erros.

O SP defenderá acções destrutivas, mais castigo, guerra, prisões mais duras, etc.

As pessoas ao redor do SP serão perturbadas, infelizes e frequentemente doentes.

O SP não pode ser localizado pela posição social ou QI. Ele pode ocupar uma posição proeminente ou inferior. Pode ser brilhante, médio ou estúpido.

Por qualquer método coberto ou aberto, o SP tenta desfazer-nos em nada. Pode subtilmente depreciar as nossas realizações, pode troçar de nós a “brincar”, pode contar-nos que outros falharam nalguma coisa que estamos a tentar fazer.

Depois de algum tempo com ele sentimos menos certeza de nós mesmos, menos capazes, menos atraentes, e começaremos a acreditar que esses planos brilhantes eram só sonhos tolos.

Agora, você tem que perceber que o seu filho não deverá estar conectado com uma Pessoa Supressiva. Se ele fica doente ou extremamente reactivo cada vez que visita a Tia Benign, então não permita mais visitas à querida tia. Isto pode soar cruel, mas em Cientologia nós aprendemos (depois de muitos fracassos), que nenhuma pessoa pode melhorar enquanto ligada a um SP.

Agora, se é humano, você próprio provavelmente cometeu às vezes actos supressivos. Se é um pai, é praticamente inevitável.

Isto não necessariamente faz de si um SP. A diferença é a motivação. Um pai com boas intenções está sempre a tentar fazer a coisa certa. Quando faz algo supressivo, ele lamentará isso e buscará mudar para melhor.

O SP orgulha-se de não melhorar. Embora a sua origem seja obscura e desconhecida (mesmo para ele), a sua única meta é destruir. O propósito da Cientologia é precisamente oposto à do supressivo. Por isto, nós (como grupo e individualmente) somos frequentemente atacados pelos supressivos.

Há certas características e atitudes mentais que causam que cerca de 20% de uma raça se oponha violentamente a qualquer actividade ou grupo de melhoramento.

Tais pessoas são conhecidas pelas suas tendências anti-sociais...

...Ao localizar a causa de um negócio falhado, descobriremos inevitavelmente algures nas suas fileiras a personalidade anti-social a trabalhar no duro.

Em famílias que se estão a desmantelar encontramos comumente, uma ou outra das pessoas envolvidas, com essa personalidade.

*Onde a vida ficou difícil e tem falhado, uma revisão cuidadosa da área por um observador treinado descobrirá uma ou mais personalidades supressivas em acção. (L. Ron Hubbard, revista *Ability*, Nº 188 “A Personalidade Anti-social. O Anti-Cientólogo”).*

Se os seus filhos fazem Montanha Russa, (ou se toda a gente na família o faz), encontre o SP no ambiente, maneje-o ou garanta que as crianças desconectem dele. Se for incapaz de localizar o SP, você pode precisar da ajuda de um auditor profissional, que usa processos especiais para fazer isto.

Há muitas denominadas “crianças problemáticas” que estão meramente PTSs. Depressa poderiam ser curadas das dificuldades principais se alguém localizasse os SPs à sua volta e fazer com que sejam removidas daquela influência.

Eu posso dizer-lhe de experiência feita que é uma deliciosa magia ver uma pessoa recuperar a beleza natural e confiança quando o SP correcto é encontrado.

Eu poderia resumir melhor estes dados recordando:

**NÃO É NATURAL BALANÇAR ENTRE FELICIDADE E DESESPERO.
ENCONTRE A PESSOA SUPRESSIVA.**

Capítulo 14 O CORPO

Quanto menos espalhafato com a comida, melhor. As horas de comer deverão ser agradáveis e calmas com conversas altas na escala. Deverá ser colocada pouca atenção na comida ou no que as crianças estão a comer.

Nunca deveríamos forçar uma criança a comer. Eu não ficaria entusiasmada se alguém me pusesse na frente um prato de cérebros de serpente fritos (ou qualquer prato repulsivo para mim) nem que me persuadissem: “Come. É bom para ti”.

Eu fiz um acordo com os rapazes. Eles não precisavam de comer nada de que não gostassem. Contudo, não deve haver qualquer observação crítica sobre a comida. É só, ou ele come ou não come, mas a conversa do jantar deverá ser mantida construtiva. Se eles sentem que vão passar fome por causa de um menu intragável, é-lhes permitido arranjar alguma coisa, mas não tem que sobrar nenhum trabalho para mim. (Uma vez que seria trabalho extra para eles, eles raramente tomam esta opção).

Houve uma excepção divertida à regra de “não criticismo” a noite em que eu preparei o que eu considerei uma deliciosa “caçarola” nova.

Lee deu a primeira dentada e solenemente pronunciou o seu julgamento: “Mmm. Sabe a comida de cão”.

Paul e eu bocejámos durante um minuto. Em unísono, perguntamos: “como é que sabes o gosto da comida do cão?”

“Bem, provei-a, é claro”.

Acredito que 30g de vitaminas vale $\frac{1}{2}$ kg de penicilina, logo aprendi bastante bem a preparar refeições nutritivas e a completá-las com um suplemento equilibrado de vitaminas e minerais.

Na prática da Cientologia nós aprendemos que a comida imprópria ou descanso insuficiente causa uma mais fácil estimulação do banco, logo, a saúde do corpo pode influenciar a mente. Também funciona de outra maneira. A mente pode influenciar o corpo. De facto, a mente reactiva é fonte de muitas doenças. Estas são chamadas doenças psicossomáticas (ou mentalmente provocadas).

Muitos danos ou doenças podem ser mais bem manejados com primeiros socorros, ou em casa ou no consultório do médico. Noutras doenças, há algumas coisas que você pode fazer para ajudar.

A regra mais importante a lembrar é:

QUANDO UMA CRIANÇA ESTÁ MAGOADA, COM DORES OU MUITO DOENTE, NÃO DIGA NADA DENTRO DE UM PERÍMETRO AUDÍVEL.

Ela está no meio de um incidente que está a ser registado na mente reactiva (nós chamamos a isto um engrama). As suas palavras poderiam causar nela um efeito mortal quando estimulado depois.

Se está ferida, agarre-a e conforte-a *em silêncio*. Quando puder falar consigo outra vez, a sua mente analítica está a voltar ao comando (durante momentos de dor e inconsciência a mente analítica fecha e a mente reactiva regista cada percepção do ambiente). A criança tentará percorrer o incidente dizendo instintivamente o que aconteceu. Você pode então fazer uma “assistência”, que lhe aliviará a dor.

Assistência de contacto: leve-o de volta ao local da lesão e peça-lhe que duplique (veja de novo) exactamente o que aconteceu na ocasião da lesão. Se bateu com o joelho no degrau, ele deverá colocar cada parte do corpo na mesma posição em que estava naquele momento, com o joelho magoado a tocar o mesmo lugar do degrau. Consiga que ele repita isto várias vezes colocando o joelho dele contra o degrau. Pergunte-lhe como vai e se a dor voltou. Quando ele duplicar (repetir) exactamente a acção original, a dor recorrerá periodicamente e em breve desaparecerá. Depois disto acontecer, você termina a assistência.

Assistência de toque: Quando não é possível fazer uma assistência de contacto, faça uma assistência de toque. Diga à criança que feche os olhos, ponha o seu dedo em vários pontos perto da lesão, dizendo cada vez: “sente o meu dedo”, e acusando-lhe a recepção com “obrigado”.

Faça isto até a dor ficar forte outra vez. Em seguida desaparecerá completamente.

De vez em quando você deverá perguntar-lhe como se sente. Toque em áreas mais distantes da cabeça do que a lesão. Quer dizer, se é o joelho que está ferido, toque na área ferida e em pontos abaixo do joelho. Isto põe a atenção dele *através da lesão*. Também, deverá tocar no lado oposto do corpo. Se a dor for na perna direita, toque na mesma área da perna esquerda dando comandos alternados.

As mães estão a fazer uma assistência de toque instintivamente quando elas beijam o inchaço ou contusão.

Eu nunca recompensar a doença trazendo brinquedos às crianças ou servindo-as na cama. Se precisam de injeções ou pílulas, vão ao médico. Se precisam de uma assistência, eu dou-lha. Sendo uma auditora profissional, eu às vezes dava aos rapazes assistências de audição bem sucedida quando a doença era psicossomática. (Deixe-me antecipar que a cura física não é conosco. O nosso trabalho é reabilitar o ser espiritual).

Quando o Paul tinha cerca de dez anos sofria frequentemente de algum tipo de doença quando estava para ir para a escola. Usualmente questionava-o sobre o que se passava nesse dia. Às vezes havia um teste, ou talvez o trabalho de casa estivesse inacabado. A doença usualmente desaparecia quando ele reparava no que estava a acontecer. (Hoje iríamos, provavelmente, com este tipo de coisa, à procura da influência supressiva).

Uma manhã eu estava sentada ao pequeno-almoço com alguns amigos da Cientologia que nos visitavam. O Paul entrou na sala a arrastar-se e a gemer: “não me sinto muito bem, Mãe”.

“Vem cá”.

Depois de me olhar um minuto, sorriu: “não importa. Já está tudo bem”.

Ele correu para o quarto para se vestir.

Um dos meus amigos da Cientologia virou-se para mim e disse: “eh pá! Já vi alguma audição vistosa, mas que tipo processo milagroso foi esse? Mesmo no meio do pequeno-almoço”.

Ambos os rapazes têm um notável talento para apanhar pensamentos ou imagens na mente doutra pessoa. Isto conduziria à mais dramática “cura” da minha carreira. Paul, de doze anos, voltava de viagem de uma semana de acampamento com um caso de laringite. Não podia falar mais do que um doloroso sussurro.

Antes que os sacos fossem despejados veio ter comigo e grasnou: “pode-me ajudar, mãe?”

“Bem, provavelmente. Espera só até depois do jantar”.

Ele esperou na cozinha enquanto eu preparava a comida. Eu pensava na pergunta para obter a causa da laringite, quando ele disse: “estou a pensar na pergunta que me fará?”

Alguns segundos depois, ele disse: “apostarei que me vai perguntar: _____”

Ele duplicou a pergunta exacta que eu estava a pensar. No meio da frase a voz dele voltou em cheio!

Ambos rimos. Eu disse: “ótimo”.

Foi a última laringite. Nenhum de nós mencionou isso outra vez.

Você vê, nós também temos milagres para o jantar.

Capítulo 15 É MEU!

Quando você dá alguma coisa a uma criança, é dela. Não é ainda sua. Roupas, brinquedos, moedas, o que lhe for dado tem que permanecer sob o seu exclusivo controle. Logo ela rasga a camisa, destrói a cama, quebra a bomba de incêndio. Não é da sua conta.

Como seria alguém dar-lhe um presente de Natal e então dizer-lhe dia após dia o que você deveria fazer com ele e até castigá-lo se não tomasse conta dele segundo os desejos do doador? Você destruiria aquele doador e arruinaria aquele presente. Você sabe que o faria. A criança rebenta com os nervos quando lhe fazem isso. Isso é vingança. Ela chora. Ela importuna. Ela quebra as suas coisas. Ela “acidentalmente” derrama o leite. E ela arruína, de propósito, a coisa sobre a qual ele é tão frequentemente chamado à atenção. Porquê? Porque ele está a lutar pela sua própria autodeterminação, o seu próprio direito a possuir e a fazer sentir o seu peso no ambiente. Estes “pertences” são outro canal pelo qual ela pode ser controlada. Logo tem que combater o pertence e o controlador. (L. Ron Hubbard, CIENTOLOGIA. Uma Nova visão da Vida)

A minha amiga e eu estávamos à conversa a tomar café enquanto os filhos dela estavam a brincar lá em cima em minha casa. Depois de mostrar aos filhos dela o armário dos brinquedos, assumi que eles estavam lá a brincar.

Quando a minha amiga e a família se foram, eu fui lá acima e vi que os aparelhos de som das crianças tocavam enquanto devastaram o meu quarto. Fiquei chocada ao encontrar as minhas gavetas abertas, perfume e cosmética entornados em cima da cómoda e todo o quarto em desordem.

Enquanto limpava a confusão pensei por que razão este rapaz de quatro anos e a menina de sete tinham que causar tal estrago. Nunca ocorreria a qualquer dos meus rapazes fazer tais coisas às coisas de outra pessoa.

Desde a primeira infância, eu segui o conselho de Ron Hubbard sobre propriedade. Eles possuíram as suas próprias coisas, livre e claramente, e poderiam fazer com elas o que desejassem.

A experiência com os filhos da minha amiga ajudou-me a reparar que havia um benefício adicional em seguir este conselho. Assim como os rapazes esperavam que os seus pertences permanecessem intactos, também adquiriram respeito pela propriedade dos outros.

Uma vez o Paul e os amigos decidiram fazer uma venda de brinquedos à vizinhança no nosso pátio dianteiro. Foi quase necessário vender os olhos e amordaçar-me enquanto as crianças marchavam pelo quarto do Paul a fora com alguns dos seus mais belos brinquedos. Antes que a venda tivesse terminado, metade das crianças da vizinhança foram envolvidas na permuta. Elas divertiram-se à grande. No fim do dia, Paul ficou com dezoito centavos e um jipe de cerca de dez dólares.

Contudo, naquela noite veio o pai do dono do jipe a tropejar com o filho a reboque, e os olhos a chispar. Ele exigiu o retorno imediato do jipe. Paul ficou em mistério por esta interferência parental, mas concordou. Assim, ele acabou com o preço de três barras de caramelo e metade dos brinquedos, mas ele estava bastante satisfeito.

Era difícil para mim aceitar um dos hábitos de Lee. Ele gostava de desmontar coisas. Raramente usa um brinquedo como deveria ser. Altera-o imediatamente sem hipótese de reparação, e usualmente acaba sem nada a não ser 300 peças não identificáveis para serem pisadas, apanhadas no aspirador ou pescadas debaixo do sofá.

Ele desfruta contudo das suas pequenas peças, e usa-as para fazer todos os tipos de coisas novas. Afinal de contas, quem sou eu para insistir que um camião só deveria correr pelo chão como camião em vez de se tornar uma zorra de acartar mármore? E você deveria ver o modelo desportivo que a velha caixa de queijo de cartão faz quando equipada com um volante reluzente e quatro grandes pneus de camião.

Eu vi que se ficasse muito transtornada quando um dos rapazes destruísse algum presente caro, o erro era meu. Gastava mais dinheiro do que estava disposta, para desistir totalmente.

O hábito das crianças desmancharem os brinquedos ensinou-me uma coisa. Elas preferiram criar os seus próprios brinquedos. Logo, enquanto que as lojas de brinquedos estão a dotar as réplicas mais complexas e caras, com pilhas, com controlo remoto, auto-reguladas, computadorizadas, que caminham, falam e assoam os seus próprios narizes, os meus presentes para as crianças são mais simples cada ano. Usualmente só utensílios ou materiais para criar alguma coisa. Também há sempre um pouco de dinheiro para comprarem alguma coisa à sua escolha.

Embora os pertences das crianças sejam delas, não lhes é permitido usá-los de maneira a violar a paz ou segurança dos outros. Arcos e flechas ficam sempre lá fora. Armas de fulminante e de esguicho não são permitidas disparar dentro de casa. Actividades que produzam salpicos não são permitidas nas boas mesas. Estas regras são completamente conhecidas e elas nunca são violadas.

É importante que a toda a criança seja dado o seu próprio espaço. Se não pode ter todo o quarto para si, deverá pelo menos ser-lhe atribuída uma parte e espaço nas gavetas exclusivamente suas. Deve ser-lhe permitido tomar, ou não tomar, conta do seu próprio espaço, conforme o caso.

Algures no tempo reparei que os rapazes não consideravam o asseio e limpeza do seu ambiente tão importante com eu (isso é provavelmente o eufemismo do século).

Por muito tempo, eu insisti para que eles limpassem os quartos pelo menos uma vez por semana. Isto não trouxe, contudo, nenhuma melhoria às suas maneiras e causou-me muito desgaste a mim. Decidi mudar por inteiro a minha aproximação. Fiz um pacto com eles. Eles tinham que manter a desordem separada do resto da casa, mas, se desejassem, poderiam deixar os quartos parecer o entulho da cidade.

Bem, eles fizeram-no.

Depois de um mais longo período de tempo do que eu cuidaria admitir, eles começaram a mostrar algum interesse em instalações mais limpas. De vez em quando organizavam uma

grande limpeza aos quartos, e às vezes também arranjavam a mobília. Eu deixava-os a eles próprios fazer estes trabalhos.

Não diria que alcançaram qualquer pináculo de perfeição no departamento de limpeza, mas estão a melhorar. Agora *notam* a desordem. Talvez o ganho mais importante aqui seja a minha paz de espírito. Eu posso agora ignorar a condição dos quartos e deixá-los viver como desejarem. Como concessão ao meu orgulho, porém, eles mantêm as portas fechadas quando há visitas em casa.

Muitos pais forçam os filhos a serem “simpáticos” ao partilhar brinquedos com outras crianças. Isto viola o direito da criança de controlar os seus próprios pertences e torná-la-á egoísta e avara.

Embora eu nunca tenha forçado os rapazes a partilhar os brinquedos, houve alguns conflitos interessantes por causa disto.

Um dia o Paul estava a brincar com Johnny que vivia na porta ao lado. Ouvi falar alto e palavras desavindas. Então Johnny veio ter comigo confiante que, como convidado, ele levaria a melhor: “o Paul não me deixa brincar com o camião dele”.

“Johnny, lamento. O camião é do Paul e não tem que deixar toda a gente brincar a menos que ele queira”.

Com um olhar de surpresa ferida, Johnny vestiu o casaco e saiu.

A mesma coisa aconteceu alguns dias depois. Paul veio ter comigo a chorar: “o Johnny vai sempre para casa quando eu não o deixo brincar com o meu camião”.

“Sim. Estou a ver”.

“Agora eu não tenho ninguém para brincar”.

“Bem”, sugeri: “Talvez pudesses escolher alguma coisa par ele brincar”.

Paul gostou desta ideia, logo, foi imediatamente para casa de Johnny para lhe dizer que estava disposto oferecer-lhe os dois carros. Johnny voltou, e foi a última dificuldade deles com brinquedos.

Depois disso, quando qualquer criança nos vinha visitar, o Paul levava-as para o quarto dele e dizia-lhes quais os brinquedos que ele se dispunha a emprestar.

Algum tempo depois nós visitávamos os amigos. O filho deles, Frank, não queria dar ao Paul um certo brinquedo. Os pais dele disseram: “Frankie, sê simpático para o Paul. Ele é teu convidado”.

Enquanto Frankie protestava, eu chamei o Paul para perto de mim. “Olha” recordei-lhe: “Em casa tu não tens que partilhar os teus brinquedos a menos que queiras. Sigamos a mesma ideia aqui. Tu perguntas ao Frankie com qual ele te deixa brincar”.

“OK”.

Dali em diante ele manejava isso. De facto ele começou a prática de levar alguns dos seus próprios brinquedos quando visitávamos os amigos. Havia sempre alguns minutos de negociação depois dos quais as crianças se sentavam para passar um bom bocado.

Eu notei com interesse, que depois deste sistema estar estabelecido o Paul se tornou uma pessoa generosa, compartilhava um brinquedo ou uma dentada do doce com quase toda a gente. Segui o mesmo método com Lee. Não há qualquer conflito com pertences em nossa casa.

Consultar a vontade de uma criança é mais benéfico para ela do que qualquer cuidado indulgente que você lhe possa oferecer.

No assunto da roupa experimentei o maior dos apuros. Não com os rapazes. Comigo. Foi preciso algum tempo para que eles cuidassem da condição da sua roupa mas, finalmente, começaram a repudiar as calças da escola com grandes buracos nos joelhos. Logo, mudavam roupa depois da escola e pediam-me que cosesse as coisas rasgadas. (Era necessário eles pedirem, uma vez que não é minha natureza procurar trabalho de costura).

Até cerca dos doze anos o Paul começou a desenvolver algum orgulho na aparência. Aprendeu lavar e a passar a ferro (depois de negligenciar meter a roupa a horas na lavagem normal), ele começou a andar mais limpo, a tomar duches mais frequentes e a passar meia hora a pentear-se para ter o visual exacto de um cabelo ao vento.

Com toda a honestidade, eu deveria admitir que esta transformação notável não era devida a qualquer influência inteligente da minha parte. Acredito que aconteceu o dia depois dele reparar que as meninas eram o sexo oposto.

Capítulo 16

TELEVISÃO, OS MEUS PRECONCEITOS

“Mãe, podemos ver Terry Viajante antes de irmos para a cama?”

“Bem, está bem”.

Consenti relutantemente. Os rapazes estavam a comportar-se bem e não encontrei razão para lhes negar um dos seus espectáculos favoritos de televisão.

Depois do programa, contudo, ambos ficaram irritáveis e dispersos. Inquiri-os separadamente e mandei-os para a cama.

Porém, aconteceu uma vez mais. Embora não houvesse confirmação externa do assunto, observei que os rapazes caíam de tom sempre depois de verem TELEVISÃO.

Eu própria nunca a via. Deixei-me disso vários anos antes quando reparei que, depois de centenas de horas na frente da TELEVISÃO, era incapaz de me lembrar de mais do que um programa. Não havia muito para mostrar nessas horas. Eu sabia que podia passar melhor o tempo.

À medida que os rapazes cresciam tentei desabituá-los lentamente da TELEVISÃO, mas eles pareciam completamente agarrados.

Havia várias razões porque eu objectei a que as crianças vissem muita televisão. Por um lado, é um desporto espectador. Elas estavam constantemente entretidas. Isto é o que nós chamamos um “fluxo de uma só direcção”. Elas eram só efeito e nada causa, o que é em si mesmo antinatural para crianças porque elas preferem regularmente mais acção.

Por isso, seria de esperar que os rapazes quisessem alguma actividade depois de verem TELEVISÃO durante algum tempo. Contudo, esta actividade parecia tomar sempre a forma de conduta reactiva.

A razão, concluí, era as dramatizações do fundo da escala *mencionadas* nos programas de TELEVISÃO. Embora o sujeito do Chapéu Branco ganhe sempre no fim, antes disso ele tem que lutar contra mentiras, batota, roubos, ódio, violência, medo, decepção, desgosto em prantos e sentimentalismo ao molhos. Estas são todas emoções de tom inferior. Uma vez que a mente reactiva entra em acção por causa de identificação, estas lembranças da escala inferior restimulavam repetidamente os bancos reactivos das crianças.

Eu não queria proibir totalmente a TELEVISÃO. Isto torná-la-ia muito atractiva. Contudo mostrei aos rapazes as observações que fiz, esperando que, compreendendo o que estava a acontecer, eles fossem menos efeito disso. Isto não ajudou.

Havia alturas em que eu desejava secretamente que a TELEVISÃO avariasse, irreparavelmente. Mas eu sabia que esta era a saída mais covarde. Melhor seria se eles de facto pudessem ver o que estava a acontecer e exercessem a sua própria escolha na matéria.

Finalmente a minha paciência (que às vezes estava mais próxima da Apatia), foi recompensada. Paul foi passar a noite com um amigo da vizinhança. Eu prometi levá-lo a um Congresso de Cientologia no dia seguinte, logo recordei-lhe: “vê lá se dormes o suficiente”.

Cerca das onze da noite a vizinha ligou-me: “Paul está a ir para casa”, ela disse: “tentei pará-lo, mas ele apenas correu lá para fora. Não sei o que está errado”.

Acendi as luzes exteriores e esperei por ele. Ele veio logo a correr cá para dentro. “Quero ir dormir, Mãe. Falo consigo amanhã”.

O dia seguinte, a caminho da cidade do Congresso, o Paul falou-me da noite anterior. Ele e o amigo estavam a passar um bom bocado. Ouviram um pouco de música juntos, fizeram um jogo de xadrez. Tudo em grande, até que decidiram ver um programa de TELEVISÃO antes de ir para a cama. Depois do programa, o amigo dele ficou conflituoso. Não deixava o Paul dormir; mas tentava provocar uma briga.

“Eu não podia raciocinar com ele, eu não o podia calar, logo saí”. Paul adicionou: “E, Mãe, se eu quiser ver aquela coisa outra vez, não me deixe. Agora eu vi isso acontecer com meus próprios olhos. Exactamente o que me tem dito!”

“Certo”, reconheci em voz alta. Para mim própria, tomei fôlego agradecida: “Amém!”

O dia seguinte o Lee ligou a televisão. No momento seguinte, apagou a imagem. Todos nós olhámos uns para os outros e encolhemos os ombros. Dois meses depois um homem *pagou-me* para a levar.

Isto foi há vários anos atrás e não sentimos a falta. As noites são muito mais agradáveis sem o monstro de um olho. (Já reparou quanto uma TELEVISÃO vociferante corta a comunicação familiar?) Nós brincamos mais juntos e às vezes lemos histórias e conversamos antes da hora de dormir.

Com mais treino e audição por trás, estou certa que os rapazes seriam hoje menos influenciados pela TELEVISÃO.

Eles são excelentes observadores da reactividade humana.

Capítulo 17

ALGO PODE SER FEITO PELO QI

“Sobre Lee”, a professora disse-me gravemente: “temo que deva saber o pior. Você vê, ele está no grupo que não está a avançar. Há quatro, pobres deles, e ainda não sabem o vocabulário nem sequer dos principiantes. Algumas das outras crianças já terminaram três livros”.

“Certo, vou ver se ele aprende o vocabulário dele”.

“Bem, seria muito bom se o pudesse ajudar; mas não espere muito. Algumas crianças são mesmo lentas”.

Estaria ela a tentar dizer-me delicadamente que o meu filho era praticamente um atrasado mental? Isto parecia-me bastante engraçado (uma vez que eu sabia que podia solucionar facilmente a sua dificuldade de ler), mas comecei a pensar nessas outras três crianças. Talvez elas fossem também mal rotuladas.

Pensei então: quantos rapazes capazes e meninas estariam a ser imprecisamente chamados “estudantes lentos”, “sub vencedores”, ou “atrasados”, simplesmente porque os professores não sabiam remediar tais manifestações. Quantos pais aceitavam esses julgamentos autoritários relutantemente por não saberem que os filhos podiam ser ajudados?

Aquele fim-de-semana comecei a ajudar o Lee. Primeiro disse-lhe que em breve poderia ler. Fomos até uma loja local e comprámos os primeiros três livros que a aula dele estava a usar.

Em seguida retornámos, eu sentei-me para lhe ensinar o vocabulário do seu primeiro livro. Ele não conseguia lembrar-se das palavras. Conforme as aprendia elas deslizavam da memória. Eu sabia que a dificuldade estava antes (esta é uma regra básica para o remédio de uma dificuldade no estudo: quando a dificuldade não se soluciona facilmente, vá atrás).

Eu revi as letras do alfabeto para ver se ele as sabia, e os seus sons. Não sabia. Tentei ensinar-lhas. Elas também deslizavam da memória. Eu comecei a compreender o dilema da professora. Ele estava por certo a agir estupidamente. Contudo, eu sabia que ainda tinha que ir mais atrás.

Localizei logo a fonte do problema. Era um incidente do jardim infantil. A professora tinha estado a mostrar cartões com as letras do alfabeto, ensinando as letras e os respectivos sons. Quando ela chegou às letras “nh”, o Lee não apreendeu a relação entre essas letras, o som, e a sua verdadeira aplicação. Neste momento do nosso regresso, Lee gritou comigo: “não posso compreender esta matéria!”

“Obrigado”.

Isso eliminou a decisão que ele tomou sobre o assunto. Agora sabemos qual o mal-entendido. Ele estava pronto a aprender.

Dentro de alguns minutos ele dominava as letras do alfabeto e os respectivos sons. Agora pode aprender o vocabulário. E leu imediatamente o primeiro livro da capa à contracapa.

Todo este remédio e a sua realização levaram menos de três horas.

Lee estava triunfante. De facto, no domingo, insistiu para começar o segundo livro. Segunda-feira pela manhã foi para a escola cheio de renovada confiança e entusiasmo. “Espera até eu contar à professora. Agora ela deixa-me entrar num dos grupos de leitura”.

Os nossos problemas, contudo, ainda não tinham terminado. Lee veio para casa bastante deprimido. “Ela nem sequer me deixou ler o livro todo. Ainda me pôs no grupo atrasado”.

Peguei no telefone e liguei para a escola para marcar uma entrevista com a professora. Ela, ou era um Supressiva, ou apenas inacreditavelmente obtusa (em qualquer caso, as acções dela eram supressivas). Eu dei-lhe o benefício da dúvida. Se ela não pudesse ser manejada jurei que o Lee iria imediatamente para um professor novo.

A professora explicou pacientemente: “Quando o Lee me disse que tinha aprendido a ler livro todo no fim-de-semana, falei sobre isso com o mestre. Ambos concordámos que era impossível. Ele aprendeu a olhar para as letras e diz só as palavras por rotina. Elas não querem dizer nada para ele. Antes de deixarmos qualquer criança ler, ela tem que fazer todas as fichas que vêm com o livro. Caso contrário não sabemos se tem alguma compreensão do que está a ler”.

Parte do que ela estava a dizer fazia sentido, mas eu fui chocada com uma suspeita a crescer na minha mente. Seria de facto possível que estes dois pedagogos decidissem que uma criança não podia ser *educada*? Isto parecia incrível, mas eu decidi testar a aceitação dela.

“Diga-me, você acredita que é possível Lee fazer este grau?”

“Bem agora ele está consideravelmente atrás da classe, você sabe”.

“Certo. Mas, você acredita que é possível Lee fazer este grau?”

“Você vê”, explicou ela: “ele realmente não parece estar muito interessado...”

Levou trinta minutos e cerca de seis repetições da minha pergunta original antes dela poder deixar escapar todas as suas considerações negativas. Contudo, por fim, ela conseguiu admitir que poderia ser possível Lee passar.

Neste momento disse-lhe com firme intenção que eu planeei garantir que ele passasse. Se ela me informasse quando ele estivesse com alguma dificuldade, não haveria desculpa para o fracasso. Não foi exigido mais tempo ou atenção da parte dela. “Primeiro”, perguntei: “você vai deixá-lo fazer essas fichas que mencionou? Caso contrário, como você própria mostrou, não saberá quando ele estará pronto entrar no grupo de leitura”.

“Sim. Acho que posso fazer isso”.

“Ótimo. Ficarei à espera de as ver quando as trouxer para casa”.

Durante alguns dos próximos dias o Lee trouxe quatro ou cinco fichas por dia (tudo marcado com um “BOM”), e ao final da semana ele estava com um grupo de leitura.

A leitura dele ficou a bom ritmo depois disso.

Tanta coisa por causa de um “o estudante lento”.

Este é um exemplo da aplicação do que eu sabia então dos Dados de Estudo da Cientologia.

Há três razões porque uma criança pode exibir um Q. I. inferior:

1. *Defeitos congénitos*. Nasceu mesmo com uma lesão cerebral.
2. *Aberração*. Muito banco reactivo em restimulação, assim baixando a sua consciência.
3. *Mal-educação*. Erros cometidos no seu ensino que não foram rectificadas.

O erro maior na cultura moderna (quanto ao intelecto), é o conjunto descuidado destas três deficiências. Esta asneira fica dispendiosa ao avanço da civilização, *porque algo pode ser feito para rectificar a aberração e a mal-educação*. Em Cientologia estamos a fazer isso.

Eu vejo exemplos consistentes de QI melhorado depois do treino e audição. Eu testava os estudantes antes e depois de lhes dar treino e audição da Cientologia básica. Vi muitas vezes os seus QIs saltarem tanto como dez ou quinze pontos. Em dois anos de treino e audição, o meu próprio QI subiu trinta e cinco pontos.

Em 1964, Ron Hubbard abriu uma brecha de monta quando fez alguma pesquisa pessoal no assunto do Estudo. O conhecimento que adquiriu foi posto em prática em todas as Academias de Cientologia com resultados de excelência.

Fora da Cientologia não conheço escola ou universidade no mundo de hoje que ofereça um curso sobre "Como Estudar". De repente, é difícil de imaginar um descuido mais básico.

No nosso Centro (Cientologia Ann Arbor) estamos agora a oferecer um Curso de Estudo e Remédio (para estudantes em dificuldade). Em breve Juntaremos seminários para pedagogos e, possivelmente, um serviço de explicações.

Não faria justiça ao material de estudo se não o incluísse aqui. Ele merece um livro. Contudo, o material está disponível ao público em geral. Se a sua Organização ou Centro mais perto não puder oferecer uma sala de aula, eles ajudarão a obter uma série de Fitas de Estudo que podem ser ouvidas em casa.

Entretanto, como pais, é importante saber que a sua criança não necessariamente é limitada por causa da capacidade nata. Ela é limitada na medida em que não sabe como estudar um assunto, e na medida em que os professores não sabem rectificar as dificuldades que ela apresenta.

Por muito tempo pusemos a ênfase, erradamente, na capacidade da criança, em lugar de nos métodos pelos quais ela está a ser ensinada.

Capítulo 18 DETALHES

Quando você começa a introduzir ordem em qualquer coisa, surge a desordem e ela salta fora. Por isso, os esforços para trazer ordem à sociedade ou parte dela, serão sempre, durante algum tempo, produtores de desordem.

O truque é continuar a trazer a ordem, em breve a desordem desaparecerá e o que fica é uma actividade ordeira. Mas se você odeia a desordem e apenas combate a desordem, não tente nunca trazer ordem a qualquer coisa. É que a desordem resultante pô-lo-á meio louco. (L. Ron Hubbard CIENTOLOGIA: Uma Nova Visão da Vida)

Se se puder lembrar como a cozinha parecia a última vez que decidiu limpar todos os armários, você compreenderá este ponto sobre a desordem.

Isto acontecerá em sua casa se, durante a noite, você mudar os métodos de manejo do seu filho. Ele pode tornar-se mais reactivo do que nunca durante algum tempo. Ele tentará usar todas as suas debilidades (e ele as saberá). Mas, não perca a calma.

É claro que terá dificuldades se este seu filho já foi treinado, controlado, mandado, negados os seus pertences. A meio, você muda de tática. Tenta dar-lhe a sua própria liberdade. Ele desconfia tanto de si que passará um mau bocado a tentar ajustar-se. O período de transição será difícil. Mas, no fim, terá uma criança sociável bem ordenada, solícita e muito importante para si, uma criança amorosa. (L. Ron Hubbard, CIENTOLOGIA: Uma Nova Visão da Vida)

O primeiro passo que poderá dar é juntar a família para discutir os seus propósitos como grupo. Promova bastante comunicação. Veja o que está agora a ser feito por estes propósitos e o que precisa de ser feito para melhorar o seu progresso. Decida quais os ajustes necessários para pôr os novos métodos em efeito como rotina. Reinspeccione e corrija as coisas que saem mal. Quando qualquer meta é realizada, repare nisso, acuse-lhe a recepção e estabeleça algumas novas metas.

Você pode achar, como eu, que será necessário introduzir um pouco de firme disciplina antes de poder pôr o seu novo conhecimento no seu melhor.

As cadeiras e o sistema de quadro-negro que eu empreguei não trouxeram uma cura para a aberração. Isso ajudou os rapazes a aprender que se podiam encarregar dos seus bancos. Isto tornou a vida mais agradável para todos nós. (as nossas organizações manejam este tipo de disciplina, quando necessário, através do Departamento de Ética).

Nenhum de nós desfruta da companhia de uma pessoa que está continuamente a vomitar as emoções por todo lado. Ela causa-nos tanto desconforto quanto um cachorro não adestrado a correr à vontade no tapete novo.

A maior parte de nós pode usar de alguma destruição antes de termos qualquer valor como amigos, Mães, Pais, ou filhos, e antes de podermos desenvolver o controlo necessário para obtermos ganhos permanentes.

Quando você dá a uma criança uma ordem, garanta sempre que é levada a cabo. Depois dela aprender que você pretende ver cada ordem completada, deixe-a fazer coisas no seu próprio tempo. Ignore qualquer convite para Q&A. Deixe só as suas instruções originais em vigor. Ela logo fará o trabalho, por sua própria escolha. Ela preferirá sempre fazer coisas que decidiu fazer. Vejo agora que os rapazes antecipam frequentemente coisas que eu queria feitas e prosseguem por si próprias. Lee ver-me-á a preparar o jantar e porá a mesa.

Nunca siga instruções com a assunção negativa que elas não serão executadas. “Não vás para a rua ou então levas”.

Isto está a colocar uma correcção antes que seja necessária e indica desconfiança. Também, a mente reactiva quase sempre o força a desafiar tais declarações.

Faça as suas regras, dê as suas instruções, e confie que serão seguidas.

Se houver mais do que uma criança, não as trate a todas por igual. Elas não são iguais. Isto pode criar rivalidade. Presentes e pertences deverão ser comprados com a personalidade individual em mente.

À criança mais velha deveriam ser dados mais privilégios e liberdade. Lembre-se, uma criança tem que ver algumas vantagens no crescimento, ou ela quererá permanecer criança.

Ouvi uma vez uma amiga prevenir o marido: “Deixa de elogiar essa menina, vais estragá-la”.

Esta é uma assunção interessante. Só que não é verdade.

Como é que nós podemos estragar uma criança? Favorecendo-a quando o seu contributo é baixo, tomando todas as decisões por ela, pesando e tomando muitas acções por ela, e não lhe permitindo escolher o que ela quer fazer, ser ou ter.

Nós não estragamos uma criança dando-lhe muito amor e admiração, dando-lhe a escolha em coisas que lhe dizem respeito, dando-lhe o direito exclusivo ao seu próprio espaço e pertences ou reconhecendo-a e recompensando-a como ser.

Em todos os pais existem boas intenções. Nós tentamos fazer a coisa certa instintivamente. Apenas nem sempre sabemos qual é a coisa certa. Não importa quantos erros você cometeu no passado, não é muito tarde para os rectificar agora. Encontro crianças que perdoam notavelmente os erros e maus-actos dos pais.

Quando uma criança é crítica apesar do facto que os pais estão a fazer o seu melhor, significa só uma coisa: ela está a conter-se de lhes dizer alguma coisa.

Faça todo o possível para perceber e elevar a consciência da criança. É mais importante do que o que ela possa fazer. Ela pode ainda não ser capaz de fazer muito, mas pode estar ciente de muitas coisas. Por exemplo, se souber que pode melhorar e que pode buscar ajuda, está muito à frente da pessoa realizada, ainda desavisada de que alguma coisa lhe está a arruinar a vida e de que pode ser ajudada.

Não julgue a criança pelo que ela pode (ou não pode) fazer neste momento. Ajude-a a cultivar a sua consciência. Ela apanhará as coisas que pode fazer à medida que for crescendo.

Você só pode ir até aqui para criar uma criança. Depois de fazer isso, reconheça que terminou o trabalho. Não continue em a tentar “criá-la”. É bastante lamentável ver pais que ainda estão a tentar pensar por um filho crescido. Largue-o no momento certo, e seus filhos ficarão amigos adultos interessantes.

Nenhum dos métodos ou conselhos deste livro na verdade apagará o banco reactivo do seu filho. Só a audição o fará. Mas talvez estes métodos facilitem o seu trabalho como Mãe ou Pai.

Dei-lhe só uma pequena amostra do todo da Cientologia. Quanto mais você aprender sobre vida, o homem e o seu comportamento, melhor poderá fazer qualquer trabalho, seja criando uma família, dirigindo uma fábrica ou distribuindo o correio. Espero que queira aprender mais.

Ron Hubbard escreveu muitos livros excelentes. As aulas são dadas em Organizações e Centros de Cientologia em todo o mundo. Se você deseja aprender mais sobre Cientologia, sugiro que leia alguns livros ou assista a uma aula. Aos novatos recomendo *Dianética A Ciência Moderna de Saúde Mental* que explica a fonte da mente reactiva.

Penso que você gostará dos Cientologistas. Achá-los-á inteligentes e amistosos. Conhecerá pessoas de todas as idades e estratos sociais. Encontrará o jovem (eles gostam de nós), e o velho (eles ficam mais jovens). Você conhecerá o presidente da corporação, o funcionário do correio, o professor, a dona de casa, o advogado, o corrector da bolsa, o médico, o artista e o engenheiro.

Se fosse resumir eu diria dos Cientologistas:

Nós dançamos mais, nós rimos mais, nós cantamos mais. Nós sabemos tudo acerca das coisas sérias da vida. Logo já não precisamos tomar isto tudo tão a sério.

Quer você se junte a nós ou não, talvez experimente estas ideias e use as que funcionam. Se tiver êxito, espero que agradeça a Ron Hubbard.

Ele é o único homem da nossa civilização que teve a coragem de continuar à procura até aprender a verdade sobre o homem.

Capítulo 19

A ÚLTIMA PALAVRA

Entre o início e o fim deste livro, Paul (aos treze anos) ficou *Claro* e eu também (a vez de Lee seria alguns anos depois)

O estado de Claro é uma coisa pessoal. Nós somos indivíduos sem igual, cada um com os seus próprios talentos, experiência e conhecimento. A *Clarificação* remove os pensamentos e emoções não desejados que vêm de uma fonte escondida. Velhas recordações e associações já não se amontoam para influenciar as nossas presentes experiências. O verdadeiro ser emerge, ele pensa e recorda à escolha, ele é outra vez completamente o encarregado, como deve ser.

Na manhã é que eu fiquei no estado de Claro terminei uma sessão de audição cedo e fui para a cozinha da nossa cabana inglesa para fazer um pouco de café. Lá fora estava frio, escuro e a chover, mas eu sentia-me banhada em sol. Era como o primeiro dia de Primavera para mim, esse dia em que se podia sair sem um casaco pesado. Eu sentia-me a flutuar, jovem, e viva. Eu queria brincar aos saltos pelas copas das árvores e apaixonar-me outra vez da vida.

Hoje estou completamente em paz comigo. As matérias familiares estão bem na mão. Já não me preocupa “o que será destas crianças?”

Eu sei.

Elas ajudarão. Eu também. Procuraremos o resto da nossa gente, os que ainda estão em hibernação, mas despertos bastante para nos ouvir quando os convidamos a juntarem-se ao nosso raio de sol.

Juntos faremos tudo o que pudermos para tornar este planeta outra vez são.

Acabo citando, na sua totalidade, o discurso de Paul na capela a St Hill quando ele ficou Claro:

“Eis um conselho para os que têm filhos: Trate-os como seres, e não como crianças”.

GLOSSÁRIO

ABERRAÇÃO:	Qualquer desvio da racionalidade. (<i>CIENTOLOGIA: Uma Nova Visão da Vida</i> por L. Ron Hubbard)
ALTO DE TOM:	Uma pessoa é alta de tom se a atitude emocional está acima de 2.0 na escala de tom.
AUDIÇÃO:	A aplicação dos processos e procedimentos de Cientologia por um auditor treinado. A definição exacta de audição é: a acção de fazer uma pergunta a um preclaro (a qual ele possa compreender e responder), obtendo uma resposta àquela pergunta, reconhecendo ou acusando a recepção àquela resposta. (<i>Dicionário Abreviado de Cientologia</i>)
AUDITOR:	Um ouvinte ou alguém que ouve cuidadosamente o que as pessoas têm a dizer. Um auditor é uma pessoa treinada e qualificada para aplicar os processos de Cientologia a outros para melhoria deles.
BAIXO DE TOM:	A atitude ou acções de uma pessoa que estão em 2.0 ou abaixo na Escala de Tom Emocional.
BANCO:	A mente reactiva.
BANCOSO:	Agindo reactivamente.
BOTÃO:	Itens, palavras, frases, assuntos ou áreas facilmente restimuláveis num indivíduo por palavras ou acções de outras pessoas, e que lhe causam desconforto, embaraço ou transtorno, ou o fazem rir descontroladamente.
CASUALIDADE MAIS (posit):	Do ponto de vista do indivíduo, alguma coisa que contem muito movimento ou imprevisibilidade para a sua tolerância. O ciclo de comunicação usado em audição.
CASUALIDADE MENOS (negat):	Qualquer coisa que contem muito pouco movimento para a tolerância de uma pessoa.
CASUALIDADE ÓPTIMA:	Do ponto de vista do indivíduo, alguma coisa que contém a quantidade certa de movimento ou de imprevisibilidade para a sua tolerância.
CASUALIDADE:	A relação do movimento imprevisível com o movimento previsível.
CICLO de COMUNICAÇÃO:	Um ciclo de comunicação. A acção de fazer uma pergunta, obter uma resposta àquela pergunta, e reconhecer ou acusar a recepção àquela resposta.
CICLO DE COMUNICAÇÃO EM AUDIÇÃO	O ciclo de comunicação usado em audição.
CICLOS DE ACÇÃO:	Em Cientologia, um ciclo de acção vai do início à conclusão de uma acção intentada.

CIENTOLOGIA:	Uma filosofia aplicada que lida com o estudo do conhecimento que, através da aplicação da sua tecnologia pode provocar mudanças desejáveis nas condições de vida. (Da palavra latina SCIO, saber no sentido mais total da palavra, e da palavra grega LOGOS, estudar)
CLARO:	Uma pessoa quem completou Grau VII apagando todo o seu banco. Ela já não tem uma mente reactiva ou banda do tempo, e é outra vez completamente ela própria e pode seguir os seus próprios propósitos básicos. (Isto é um estado de entidade muito alto jamais imaginado pelo Homem).
CONSCIÊNCIA:	Aquilo de que uma pessoa está consciente; capacidade de reconhecer as condições da vida.
CONTENÇÃO:	Alguma coisa que é mantida em segredo. É a contenção de um mau acto que faz alguém puxar um motivador.
DIANÉTICA:	Uma ciência de saúde mental.
EM BAIXO NA ESCALA:	Escala Inferior de Tom Emocional.
ENGRAMA:	Um quadro de imagem mental de uma experiência que contém dor, inconsciência e uma ameaça real ou imaginária à sobrevivência; é uma gravação na mente reactiva de alguma coisa que de facto aconteceu a um indivíduo no passado e que continha dor e inconsciência ambas registadas no quadro de imagem mental chamado engrama. (<i>Dicionário Abreviado de Cientologia</i>)
ESCALA de TOM EMOCIONAL:	Uma Escala que mede a Sanidade e relaciona os vários factores de comportamento, emoção e pensamento, com os níveis da escala. (<i>A Criação da Capacidade Humana</i> , por L. Ron Hubbard)
ESCALA de TOM:	Veja Escala de Tom Emocional.
ESTOIRAR:	Livrar-se de alguma coisa na mente reactiva (estoirando-a).
ÉTICA:	O Departamento de Ética de Cientologia é aquele que maneja qualquer pessoa cujo comportamento ou condição inibe o seu progresso (ou o progresso de outros) em audição, treino ou administração.
GENERALIDADE:	Uma declaração geral ou não-específica aplicável a tudo e usada em Cientologia para significar uma declaração feita num esforço, ou para esconder a causa, ou subjugar outra pessoa com o “tudo incluído”, por exemplo: “toda a gente pensa...”.
INVALIDAR:	Debilitar outrem, criticá-lo (negativamente), fazê-lo sentir-se errado.
MAU ACTO:	Uma acção prejudicial contra outrem.
MENTE ANALÍTICA:	Aquela parte do pensamento, maquinaria e memória de uma pessoa sobre os quais ele tem relativo controlo. (<i>Criação da Capacidade Humana</i> , por L. Ron Hubbard)

MENTE REACTIVA:	Aquela porção da mente de uma pessoa que não está sob o seu controle ou recordação volitiva, e que exerce poder de comando sobre o seu pensamento e acções. (<i>Criação de Capacidade Humana</i> , por L. Ron Hubbard)
MENTE:	Um sistema de controlo (interface) entre o thetan e o universo físico. A mente não é o cérebro.
MONTANHA-RUSSA:	Melhora e depois piora.
MOTIVADOR:	Um motivador é um mau acto contra a própria pessoa. Tende a equilibrar um mau acto que ela tinha cometido. É mais do que apenas uma experiência indesejável. Ela manejará algumas situações para as solucionar. Contudo, precisa do motivador para equilibrar o mau acto, logo ela só se queixará disto e não fará nada para o rectificar.
O/Ws:	Maus-actos/Contenções.
PC:	Um preclaro.
PESSOA SUPRESSIVA:	Aquele que, de propósito, transtorna outros à sua volta para os controlar. O SP é dedicado à destruição de outros (para sentir seguro) porque ele sente que toda a gente o ameaça. Por isso tem medo de todos os que melhoram.
POTENCIAL TRANSMISSOR DE SARILHOS (PTS):	Qualquer pessoa ou preclaro que, enquanto activo em Cientologia, continua conectada com uma pessoa ou grupo supressivo. (Uma pessoa ou preclaro faz montanha-russa, isto é, melhora, então piora, só quando está conectada com uma pessoa ou grupo supressivo, e deve, a fim de os seus ganhos de Cientologia serem permanentes, manejar ou desconectar da fonte de supressão).
PRECLARO:	Este termo cobre todo aquele que não é claro; contudo, é principalmente usado para descrever uma pessoa que, através dos processos de Cientologia, está a descobrir mais sobre ela e sobre vida.
PROCESSAMENTO:	Aquela acção ou acções, governadas pelas disciplinas técnicas e códigos de Cientologia, de administrar um processo a um preclaro a fim de o libertar.
PROCESSO:	Um conjunto de perguntas feitas por um auditor para ajudar uma pessoa descobrir coisas sobre ela e/ou sobre a vida
PSICOSSOMÁTICO:	Dor física ou desconforto que tem origem na mente reactiva.
PTS:	Potencial Transmissor de Sarilhos.
Q&A: (Questionar e Aceder)	Não completar um ciclo de acção. Ndt (desviar a conversa)
REACTIVO:	Irracional, reagir em vez de agir; pensamento ou comportamento ditado pela mente reactiva em lugar de uma autodeterminação de tempo presente do indivíduo.

RECONHECIMENTO:	Uma comunicação que diz a outra pessoa que a acção dela foi reconhecida como completa. (Também acusar a recepção). Exemplo: “obrigado”.
RESPONSABILIDADE:	O conceito de capaz de cuidar, alcançar ou ser; a capacidade e disposição para ser causa. Aceitar responsabilidade por alguma coisa é aceitar que ele operou como causa na matéria. Deverá ser claramente distinto de considerações de nível inferior, tais como culpa ou elogio, que incluem avaliação adicional de bondade ou maldade da coisa provocada. <i>(Dicionário Abreviado de Cientologia)</i>
RESTIMULADOR:	Qualquer coisa no ambiente do indivíduo suficientemente semelhante a alguma coisa da sua mente reactiva que provoca a restimulação de parte da mente reactiva.
RESTIMULAR:	Activar alguma coisa na mente reactiva.
SEQUÊNCIA MAU-ACTO-MOTIVADOR:	A sequência em que, alguém que cometeu um mau-acto, tem que reivindicar a existência de motivadores. Os motivadores podem então ser usados para justificar mais maus-actos.
SESSÃO DE AUDIÇÃO:	Um período preciso de tempo durante o qual um auditor audita um preclaro.
SOLAR DE ST HILL:	A localização da Faculdade de Cientologia Hubbard em Grinstead Oriental, Sussex, Inglaterra.
SP:	Pessoa supressiva.
THETAN:	O próprio ser, não a sua mente ou corpo. Alma. Espírito.
TR:	Exercício dos Cursos de Cientologia que treinam os estudantes a comunicar e a auditar.